

Contrato de Consultoria
PROJETO UNESCO 914 BRZ 4021
Projeto de Cooperação Técnica Internacional
Instrumentos e estratégias para o desenvolvimento sustentável do
Centro Antigo de Salvador

JUREMA MACHADO
PRODUTO 02
DEZEMBRO 2019

I - APRESENTAÇÃO

Conforme previsão contratual, o Produto 2 deve conter

- a) Análise de cruzamentos de mapas temáticos de abrangência geral (não dependentes de levantamentos de campo) abordando a evolução da ocupação; caracterização topográfica e morfológica; bens e conjuntos tombados; equipamentos e usos referenciais da vida urbana; distribuição espacial e socioeconômica da população residente; circulação e mobilidade;
- b) Caracterização de macrounidades urbanas, resultantes do cruzamento de mapas e de dados secundários e
- c) Diretrizes gerais de uso e ocupação e valores a preservar por macrounidade.

II – ANTECEDENTES E CONTEUDO DESTE RELATÓRIO

Antecedendo à apresentação do conteúdo desse Relatório, há pelo menos três aspectos a considerar:

- a) Os Termos de Referência que deram suporte à contratação desta consultoria partiram de hipótese metodológica ainda preliminar, passível de sofrer ajustes a partir dos achados do próprio trabalho, assim como ajustes decorrentes de prazos de elaboração de etapas específicas, cujo rendimento não é possível prever com absoluta precisão. Esse é o caso especialmente do levantamento de campo, cujo rendimento foi superior ao esperado, permitindo antecipar alguns itens do escopo da contratação.
- b) O trabalho vem sendo desenvolvido sob coordenação dessa consultoria, com o concurso de outros cinco consultores, quais sejam, três arquitetas responsáveis pelos levantamentos de campo e apoio às proposições e dois urbanistas responsáveis pelo georreferenciamento dos dados, mapeamentos e levantamentos específicos no âmbito de PMS. Sendo assim, o produto final – Proposta normativa – será a resultante do trabalho de toda a equipe. Por essa razão, alguns insumos comparecem simultaneamente nos relatórios de mais de um(a) consultor(a).
- c) Quanto aos mapas gerais previstos, o desenvolvimento do trabalho apontou a necessidade de pequenas alterações, seja porque a identificação dos elementos decorre da análise individualizada de cada Sub Área (análise ainda em andamento), seja porque alguns dados dependem de interação com outras equipes contratadas (especialmente mobilidade). No caso da mobilidade, os insumos do trabalho Elaboração do Plano Funcional de Mobilidade Urbana para o Centro Antigo de Salvador/BA

(FMLL/UNESCO/Sistran) estão sendo utilizados na definição das Sub Áreas, em especial o mapa das Ilhas de Proximidade Urbana.



Ilhas de Proximidade Urbana – Escala do Pedestre

Fonte: Plano Funcional de Mobilidade Urbana para o Centro Antigo de Salvador, 2019

O Produto 1 definiu, no Mapa 2, a área prioritária para a pesquisa de campo com aplicação da Ficha Diagnostico, considerando

- a área sob responsabilidade da FMLF (mediante Acordo FMLF, IPHAN, IPAC),
- a exclusão das ZEIS (Tororó, Macaúbas, Lapinha e Liberdade, mantendo-se o espigão da Soledade, onde se localiza conjunto tombado pelo IPAC)
- a exclusão de parte dos bairros do Barbalho, Macaúbas e Lapinha.

Definiu também a subdivisão da pesquisa de campo em seis setores, distribuídos para três equipes, assim como os critérios de confecção dos mapas temáticos resultantes. O trabalho de campo e respectivo mapeamento encontram-se concluídos, permitindo antecipar a produção de mapas em relação ao escopo previsto para este Produto 2.

Diante do exposto, esse Relatório contempla:

I – Mapas Gerais

Trata-se dos mapas já apresentados no Relatório I, cujo conteúdo deu suporte para a delimitação das Sub Áreas aqui apresentada. Considerou-se desnecessário voltar a acrescentá-los nesse Relatório.

II – Mapas Temáticos Resultantes da Pesquisa de Campo

A aplicação da Ficha de Campo e a conclusão da pesquisa possibilitou elaborar os seguintes mapas temáticos:

- a) Uso do Solo
- b) Ocupação
- c) Gabarito
- d) Recuos
- e) Estado de Conservação
- f) Linguagem Arquitetônica

Neste Relatório, optou-se por inserir estes mapas em Formato A3, sobretudo para efeito de registro. Na prática, sua utilização tem se dado em escala mais adequada à visualização, o que tem sido feito ao longo das análises de cada Sub Área.

III – Mapa de Potencial Construtivo

Esta variável será fundamental à fase de proposição e de eventual concepção de instrumentos de incentivo. O Potencial Construtivo remanescente em cada lote foi identificado com base em metodologia concebida pelos urbanistas participantes da equipe – Caio Couto e Tais Sousa Pereira. O cálculo foi possível a partir Conjunto de Dados Geoespaciais Vetoriais da Prefeitura de Salvador, comparando-se o Coeficiente de Aproveitamento Máximo (CAM), previsto pela Lei de Ordenamento do Uso e Ocupação do Solo, com o efetivamente existente em cada lote, resultado do coeficiente área total construída/área total do lote.

IV – Identificação de Sub Áreas – critérios e mapa

A identificação das Sub Áreas foi proposta a partir do cruzamento de dados, discussões conjuntas da equipe e verificação em campo.

As Sub Areas forma concebidas como **unidades territoriais com densidade histórica e relativa identidade no contexto da cidade, sempre privilegiando o contexto urbano atual**. Para tanto, considerou-se:

- ♦ as macro referências do processo histórico de formação,
- ♦ a inserção topográfica e a morfologia do da ocupação,
- ♦ a existência de elementos de polarização e articulação (grandes equipamentos, concentrações de uso, nós de transporte público)

- ♦ a existência de barreiras (topográficas, viárias ou resultantes de grandes usos do solo)
- ♦ o uso do solo e tendências verificadas a partir da situação de ocupação dos imóveis e do seu estado de conservação.
- ♦ As relações cotidianas e simbólicas com reflexo nas formas de apropriação do território.

A delimitação de Sub Áreas é apenas uma ferramenta de análise, que não necessariamente estará refletida na proposta normativa sob a forma, por exemplo, de um zoneamento.

São as seguintes as Sub Áreas identificadas

- Sub Área 1 – Campo Grande
- Sub Área 2 – Aflitos
- Sub Área 3 – Politeama
- Sub Área 4 – Mercês Rosário
- Sub Área 5 – Barris
- Sub Área 6 – Tororó
- Sub Área 7 – Jardim Baiano
- Sub Área 8 – Lapa Piedade
- Sub Área 9 – Palma Mouraria
- Sub Área 10 – Campo da Pólvora
- Sub Área 11 – Baixa dos Sapateiros
- Sub Área 12 – Castelo Branco Aquidabã
- Sub Área 13 – Sete Portas
- Sub Área 14– Nazaré
- Sub Área 15 – Saúde
- Sub Área 16 – Fundos do Santo Antônio
- Sub Área 17 – Soledade
- Sub Área 18 – Barbalho
- Sub Área 19 – Liberdade

As Sub Áreas 20 a 26 correspondem a áreas remanescentes de encostas, talvegues e fundos de vale, não reconhecidas como ZEIS, mas apresentando ocupação e parcelamento informais. Nelas não foi realizado levantamento lote a lote pelas dificuldades operacionais de acesso. Neste caso, a ponderação entre as condicionantes do sítio, a situação do parcelamento, a questão fundiária e o

impacto paisagístico, atual e potencial, serão, em última instância, os definidores do tratamento a ser dado a essas áreas na fase de proposições.

As condicionantes relacionadas ao parcelamento e à situação fundiária estão sendo levantadas no âmbito da PMS.

V – Elementos constantes da descrição de cada Sub Área

O texto relativo a cada Sub Área contempla a descrição de limites e a caracterização topográfica; a evolução da ocupação; as características morfológicas mais relevantes; os bens e conjuntos protegidos; equipamentos e usos referenciais da vida urbana; bens imateriais e práticas culturais relacionadas à área. Os textos completos encontram-se no **ANEXO I**.

Os aspectos referentes ao uso do solo, gabaritos, ocupação dos imóveis, ruínas, linguagem arquitetônica, assim como os condicionantes legais atuais – PDDU, LOUOS e Lei 3289 – estão sendo analisados por meio dos mapas temáticos apresentados.

Quanto ao texto produzido até esta etapa, cabe ressaltar

- ♦ O texto tem objetivo estritamente operacional, ou seja, privilegia as informações consideradas mais relevantes para a concepção da proposta normativa
- ♦ Trata-se de um conjunto sobretudo descritivo, tendo-se evitado, nessa etapa, análises e juízos de valor acerca dos elementos descritos
- ♦ O tratamento de cada Sub Área segue um roteiro básico, mas, ainda assim, não resulta em textos homogêneos. Para a proposta final caberá coligar os textos, visando padronizar alguns aspectos, mas, de antemão, é sabido que permanecerão diferenças decorrentes da diversidade das próprias áreas
- ♦ As fontes utilizadas são exclusivamente secundárias, uma vez que a profusão de estudos e pesquisas sobre Salvador e a exiguidade de tempo não justificariam outra alternativa. Publicações de fontes oficiais (especialmente IPHAN e IPAC), livros publicados e teses acadêmicas são as fontes preferenciais. Reportagens jornalísticas foram utilizadas, limitadas a questões factuais. Blogs, quando utilizados, tiveram suas informações verificadas, cabendo ainda nova checagem quando do texto definitivo.
- ♦ Procurou-se utilizar fotografias de domínio público ou obtidas do próprio Google Maps, mas para uma eventual publicação do trabalho deve-se substituir aquelas para as quais não se encontrou autoria ou autorização de uso

- ♦ Trata de trabalho em construção. Sua apresentação ainda não satisfaz aos critérios ABNT para informação e documentação de trabalhos acadêmicos e para a inclusão de referências bibliográficas e citações.

Em conclusão, roga-se que o Relatório seja analisado considerando os limites dessa etapa do trabalho e que tenha circulação limitada à FMLF e à equipe envolvida no Projeto, até que, quando da proposta final, e em se prevendo divulgação mais ampla, o documento possa ser complementado e corrigido quanto aos aspectos mencionados.

VI – Diretrizes preliminares por Sub Área

Os levantamentos e diagnósticos realizados deixam evidente o caráter limitado das normas edilícias para promover a requalificação e as transformações demandadas pelas diversas áreas, assim como para tornar a ação do poder público mais efetiva e sustentável. O entendimento é de que as diretrizes e proposições a serem apresentadas deverão ter duas saídas, coerentes e complementares: uma normativa; outra da natureza de um “plano urbanístico” que possa mobilizar outros instrumentos de gestão do território. O desenvolvimento das demais consultorias contratadas pelo Projeto será de grande contribuição no que se refere aos demais instrumentos e estratégias, além das normas edilícias.

Registra-se, a seguir, um passo a passo sucinto das etapas que o trabalho está percorrendo. Os tópicos 1 e 2 referem-se a princípios e diretrizes gerais aplicáveis a toda a área de estudo. Os itens 3, 4 e 5 estão retratados pelos diagnósticos das SubÁreas e demandam poucas complementações. O item 6 encontra-se em andamento e o item 7 a desenvolver.

1. Princípio geral

As áreas em estudo são porções do território de Salvador que, em razão de especificidades históricas, culturais ou ambientais, demandam a adoção de políticas específicas de parcelamento, ocupação ou uso do solo que se superpõem às normas gerais da legislação urbanística municipal.

2. Diretrizes gerais

- ♦ proporcionar a proteção e a valorização do patrimônio arquitetônico, cultural, ambiental e paisagístico;
- ♦ valorizar as funções de área central, estimulando a convivência entre usos e atividades econômicas
- ♦ preservar o traçado urbano histórico;
- ♦ promover espaço urbano sustentável e acessível aos mais diversos grupos sociais;

- ♦ estimular os usos residencial e misto;
- ♦ estimular a qualificação e a apropriação de edificações vazias ou subutilizadas
- ♦ garantir a manutenção de ambiências características de porções específicas do território;
- ♦ configurar e qualificar os espaços públicos sob princípios de legibilidade, acessibilidade universal e inclusão

3. Fragilidades e Ameaças

- ♦ Processos de esvaziamento, subutilização e degradação
- ♦ Saturação ou pressão excessiva pela utilização do espaço construído
- ♦ Intervenções propostas ou em andamento
- ♦ Impactos visuais potenciais
- ♦ Conflitos normativos

4. Fortalezas e Potenciais

- ♦ Valores do patrimônio construído preservado, material e imaterial
- ♦ Intervenções ou investimentos propostos ou em andamento
- ♦ Reconhecimento e mobilização de moradores e comunidades
- ♦ Valorização e interesse pelo setor privado

5. Valores do patrimônio construído preservado, material e imaterial

- ♦ Elementos de destaque no patrimônio construído – protegidos
- ♦ Elementos de destaque no patrimônio construído - não protegidos
- ♦ Elementos e espaços referenciais que contribuem para a salvaguarda e promoção de práticas culturais e comunitárias

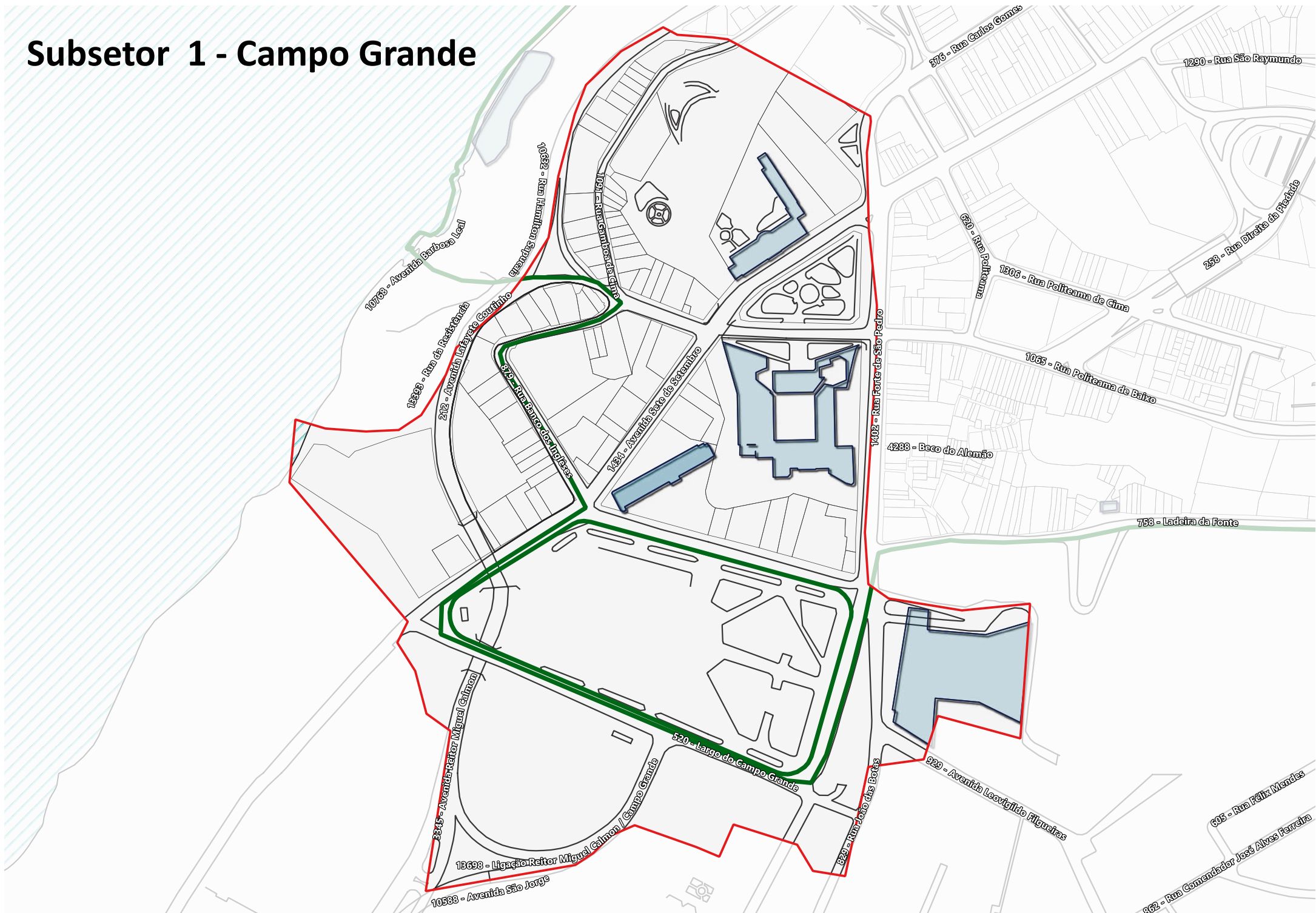
6. Identificação e classificação dos conjuntos arquitetônicos e paisagísticos e de bens de interesse

Juntamente com a descrição de cada Sub Área são apresentados, a título de registro do trabalho em andamento, croquis contendo a identificação preliminar dos conjuntos a serem trabalhados

7. Resultados

- ♦ Diretrizes Normativas
- ♦ Diretrizes para planos urbanísticos

Subsetor 1 - Campo Grande



Subsetor 2 - Aflitos / 2 de Julho

The map displays the geographical layout of Subsetor 2 - Aflitos / 2 de Julho. A red line delineates the boundary of the subsector, which includes several residential blocks and streets. Key streets shown include:

- 1091 - Rua Camboa da Cima
- 1033 - Rua Desembargador Castelo Branco da Batva
- 687 - Ladeira dos Aflitos
- 11528 - Rua Tiviviri
- 635 - Ladeira do Gabriel
- 1047 - Rua do Gabriel
- 432 - Rua da Falsa
- 576 - Rua Carlos Gomes
- 1434 - Avenida Sete de Setembro
- 1503 - Rua do Rosário
- 1290 - Rua São Raymundo
- 139 - Rua do Solato
- 767 - Rua Alegria dos Baris
- 826 - Ladeira dos Baris
- 822 - Avenida Joana Angélica
- 1516 - Rua Virte e Um de Abril
- 854 - Rua Nova de São Bento
- 1459 - Rua do Cabeça
- 1438 - Rua da Força
- 132 - Rua Augusto Faria
- 130 - Rua Areal de Batva
- 1038 - Rua Visconde de Mariz
- 816 - Rua Fagundes Varela
- 497 - Rua Democrata
- 212 - Avenida Lafayette Coutinho
- 383 - Rua Areal de Cima
- 1457 - Rua do Sodré

The map also shows a green hatched area in the upper left, likely representing a park or green space, and various building footprints throughout the urban grid.

Subsetor 3 - Politeama

620 - Rua Politeama

1806 - Rua Politeama de Cima

288 - Rua Direita da Piedade

619 - Travessa Hímito

1016 - Travessa Mário

779 - Travessa Humaitá

2128 - Vila Natal

1065 - Rua Politeama de Baixo

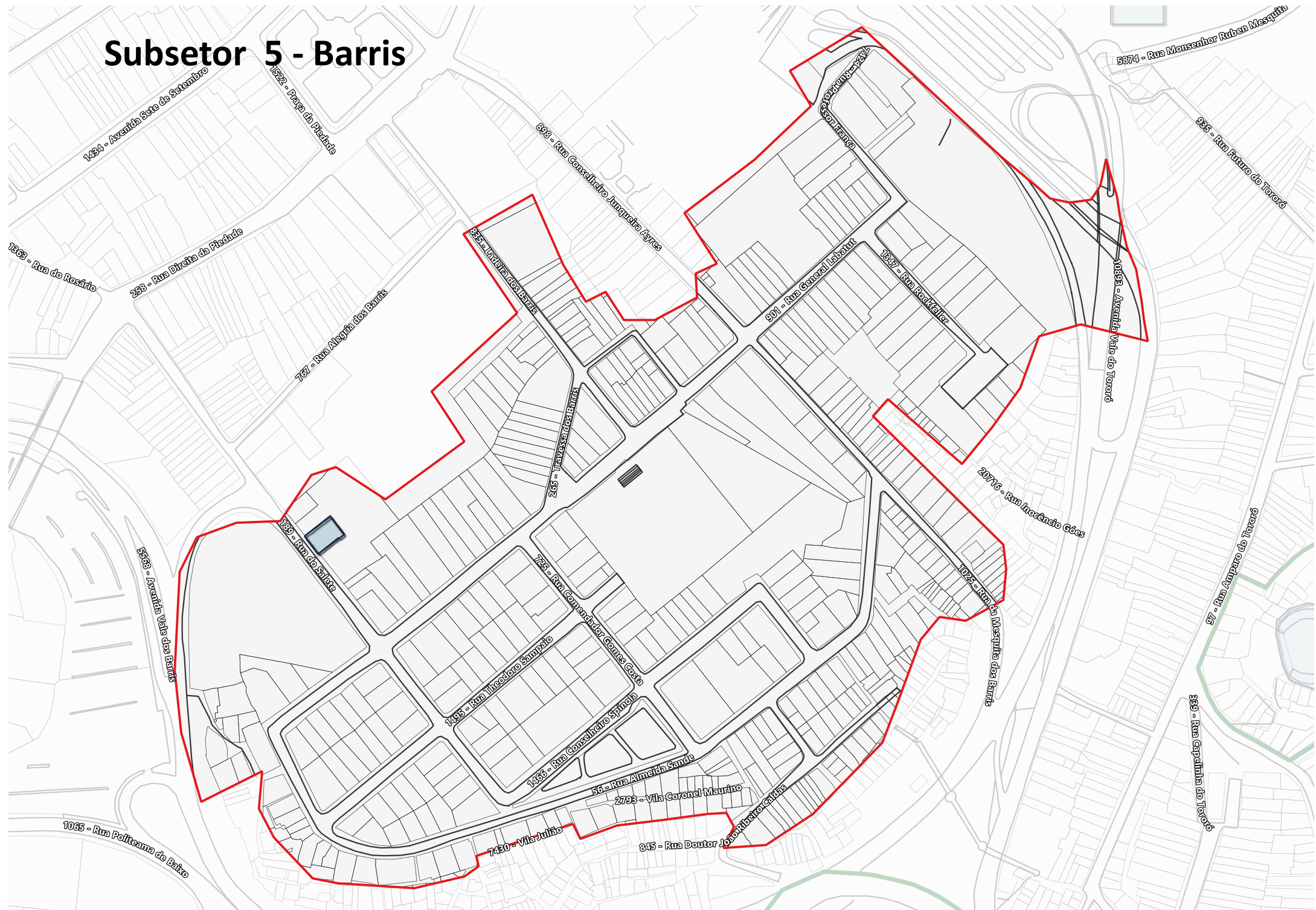
598 - Travessa Falcão

4288 - Beco do Alemão

1817 - Vila Santo Antônio

758 - Ladeira da Ponte

Subsetor 5 - Barris



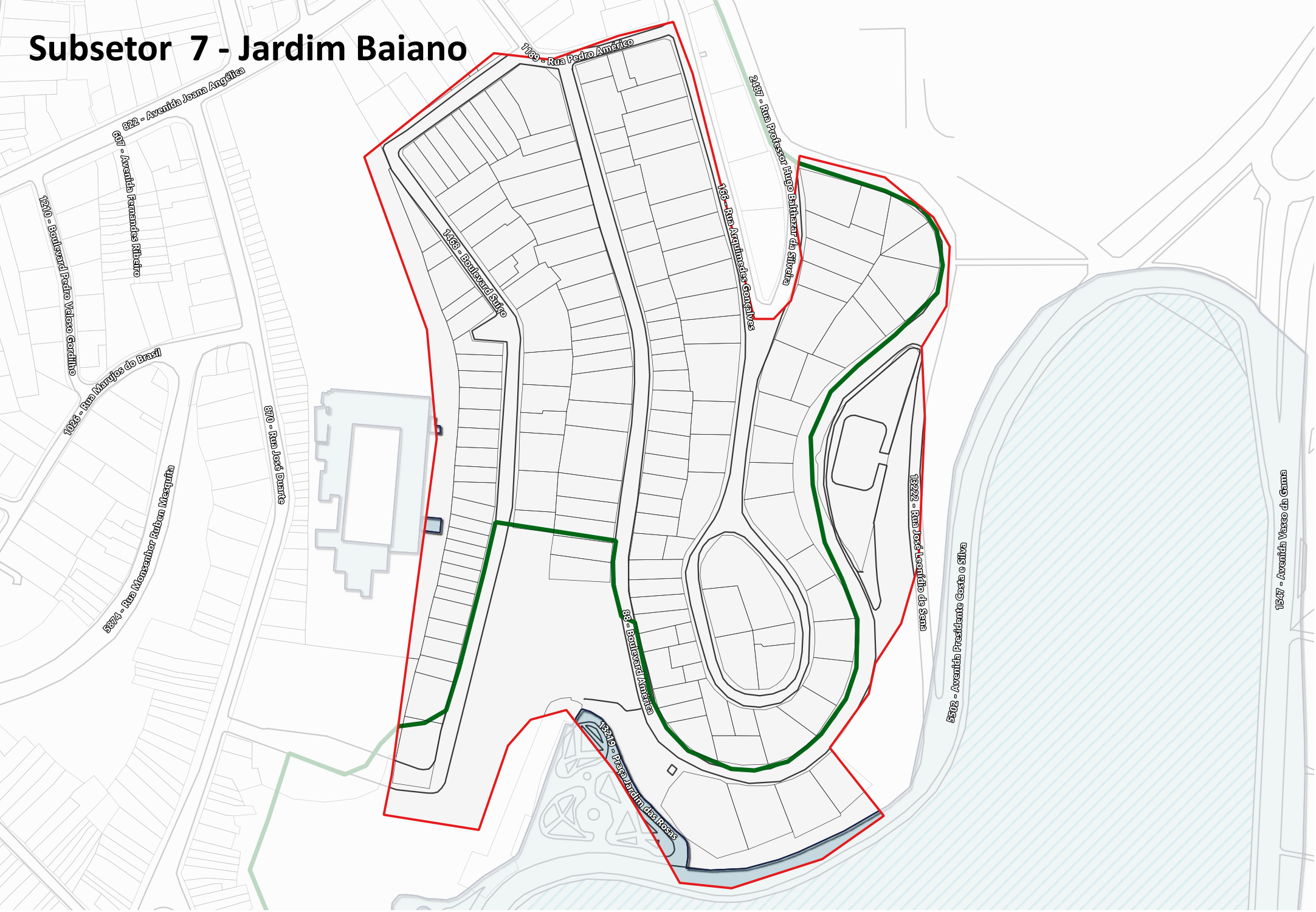
Subsetor 6 - Tororó

The map displays a residential area with a central cluster of streets highlighted in red and green. The red outline encompasses a large portion of the central area, while a green line follows a specific path through it. Surrounding streets are labeled with their numbers and names. To the right, a large blue area represents a body of water.

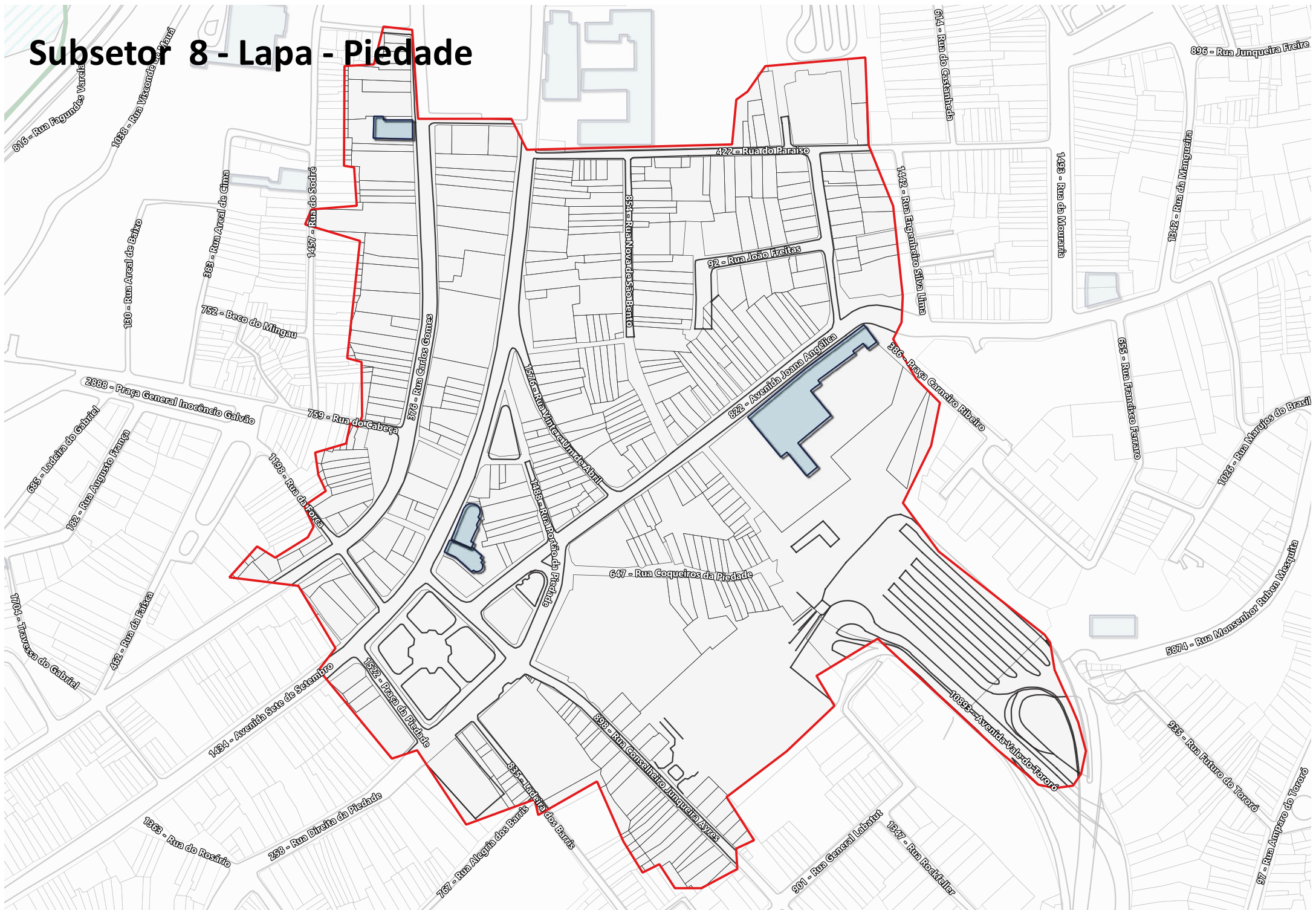
Streets labeled on the map:

- 1434 - Avenida São de Setembro
- 622 - Avenida Joana Angélica
- 647 - Rua Coqueiros da Piedade
- 835 - Rua Francisco Ferraro
- 1026 - Rua Marinho do Brasil
- 5874 - Rua Monsenhor Ruben Mesquita
- 1428 - Boulevard Sirão
- 88 - Boulevard América
- 103 - Rua Arquimedes Gonçalves
- 1322 - Rua José Leônildo da Sora
- 10393 - Avenida Vale do Tororó
- 955 - Rua Futuro do Tororó
- 82 - Rua Irmãos Ribbato
- 1093 - Rua Rockefeller
- 1025 - Rua da Mesquita dos Barris
- 1093 - Vila Bananal
- 5302 - Avenida Presidente Costa e Silva
- 1547 - Avenida Vasso da Gema
- 1804 - Rua Reis Príncipe
- 1537 - Ladeira da União
- 320 - Rua Princesa do Vale
- 1006 - Rua Maria Felipa
- 1204 - Rua Pedro Malhado
- 1784 - 2ª Travessa Antônio Costa
- 114 - Rua Antônio Costa
- 420 - Rua Glória da Capelinha
- 409 - Avenida Centenário
- 5568 - Avenida Vale dos Barris
- 5560 - Praça Doutor João Mangabeira
- 845 - Rua Doutor João Ribeiro Caldas
- 56 - Rua Almeida Sando
- 1466 - Rua Conselheiro Espinola
- 1495 - Rua Theodoro Sampaio
- 901 - Rua General Labatut
- 265 - Travessa dos Barris
- 830 - Ladeira dos Barris
- 890 - Rua Conselheiro Junqueira Ayres

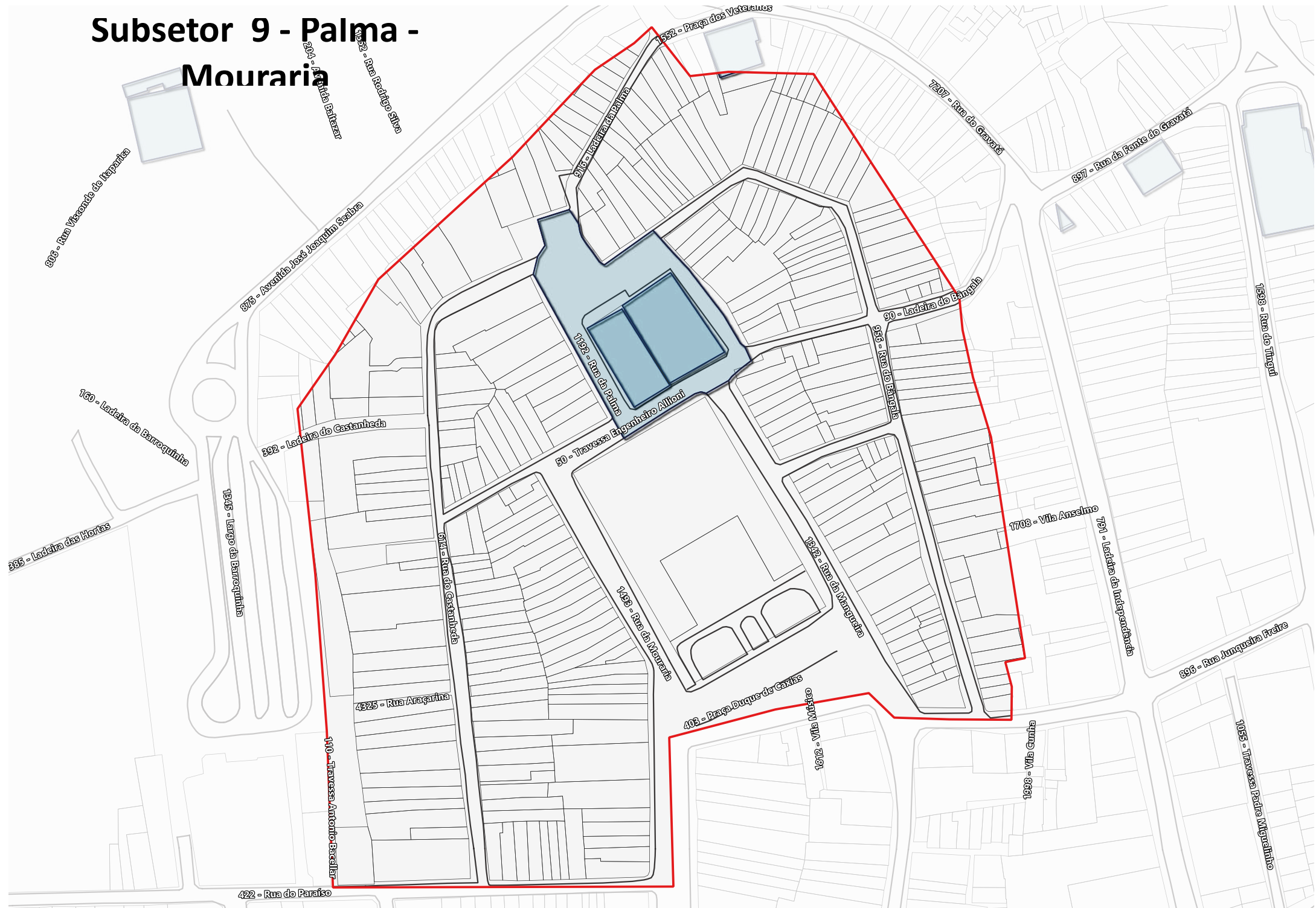
Subsetor 7 - Jardim Baiano



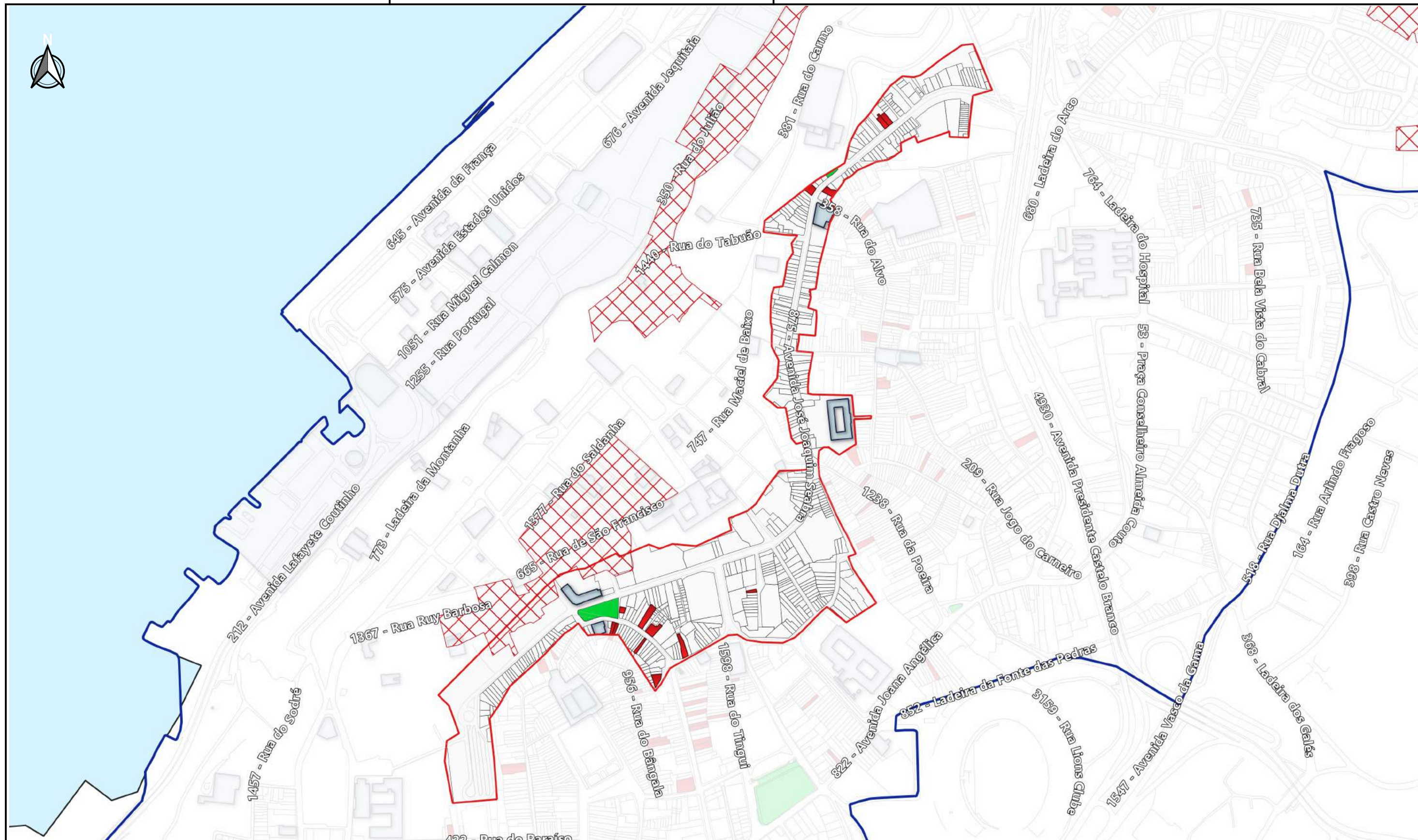
Subsetor 8 - Lapa - Piedade



Subsetor 9 - Palma - Mouraria



[illegible]



Bens Tombados

Zona Especial de Interesse Social - ZEIS

Área de Proteção Cultural e Paisagística

Meio-Fio

Espaços Públicos

Ruína

0150300 m

Projeção Universal Transversa de Mercator
Datum: SIRGAS 2000 zona 24 S

Fonte: Sistema Cartográfico e Cadastral do
Município de Salvador - SICAD 2006

PROJETO 914BRZ4021

Projeto de Cooperação Técnica Internacional

Instrumentos e estratégias para o desenvolvimento sustentável do Centro Antigo de Salvador

NORMATIZAÇÃO DE INTERVENÇÕES NO PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO DE ÁREAS INTEGRANTES DA APCP DO CENTRO ANTIGO DE SALVADOR

FASE I - DIAGNÓSTICO

Sub Área - Baixa dos Sapateiros - Barroquinha

NúmeroXX

Escala1:15.000

Coordenação do Projeto

Coordenação Técnica

Responsável Técnico - Mapeamento

Data

Beatriz Lima - Arquiteta

Jurema Machado - Arquiteta

Taís de Sousa Pereira - Urbanista
Caio Costa Couto - Urbanista

Agosto/2019

FMLF

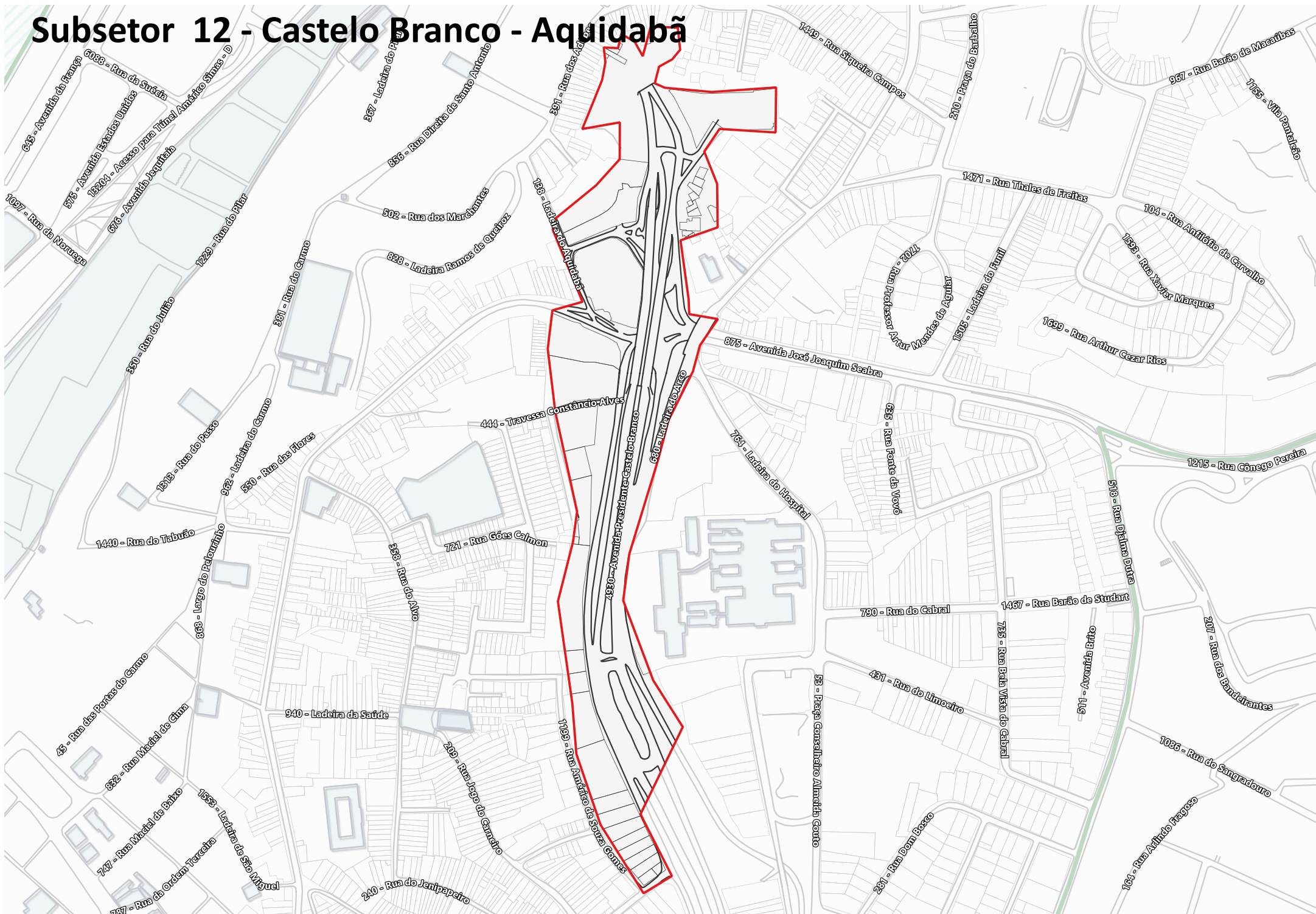
FUNDACÃO MARIO LEAL FERREIRA

SALVADOR

PRIMEIRA CAPITAL DO BRASIL

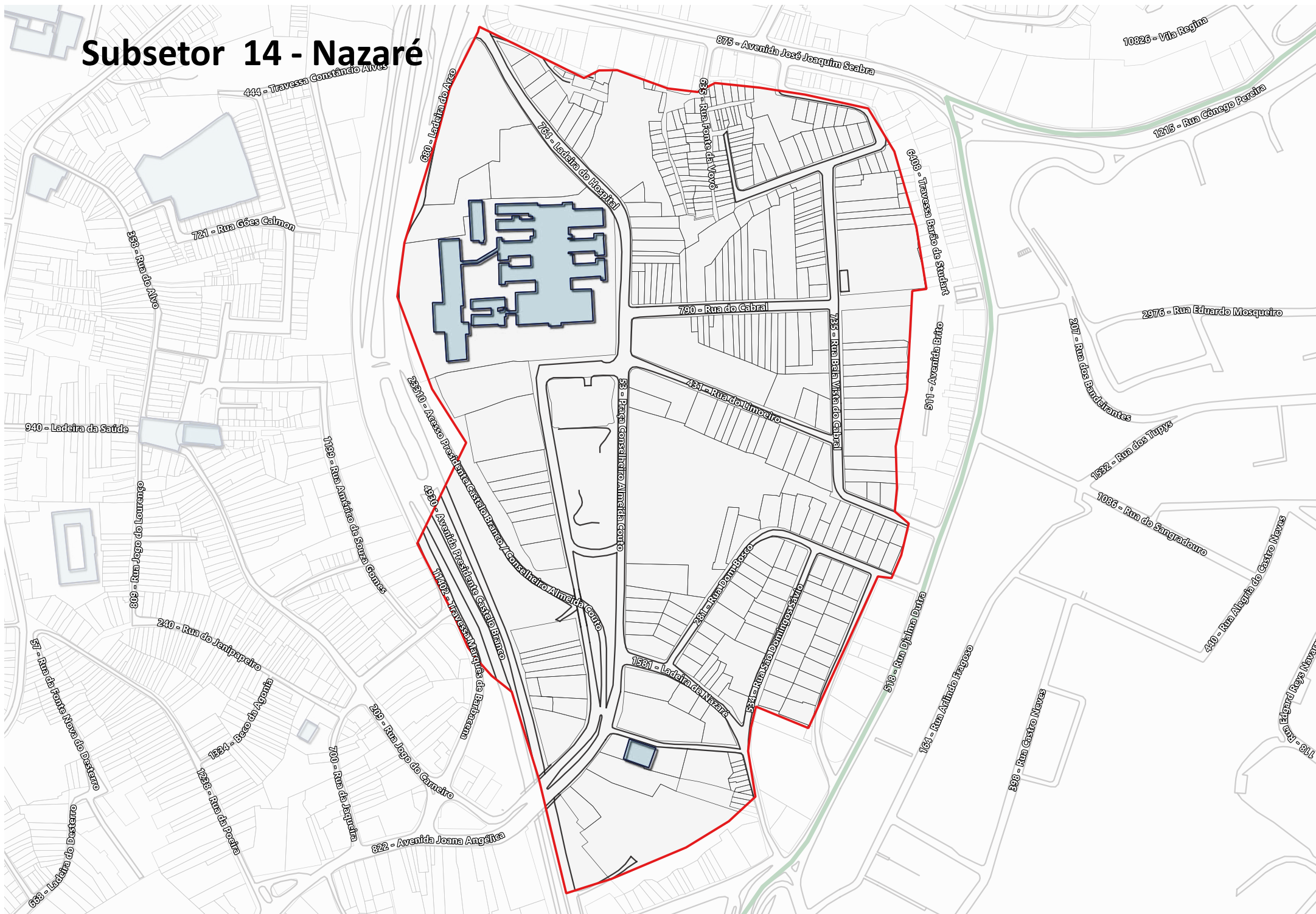
Organização das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura

Subsetor 12 - Castelo Branco - Aquidabã

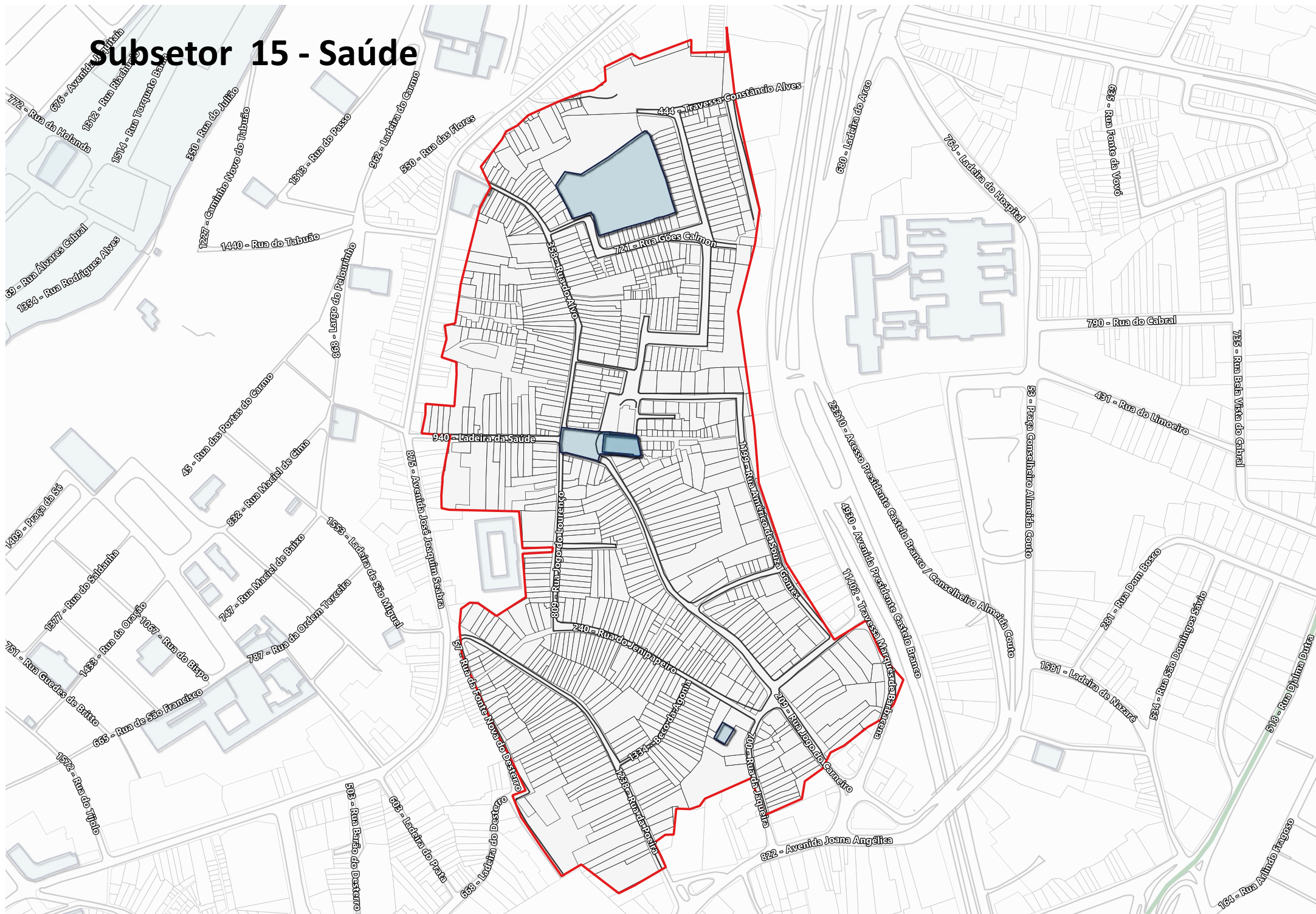


[illegible]

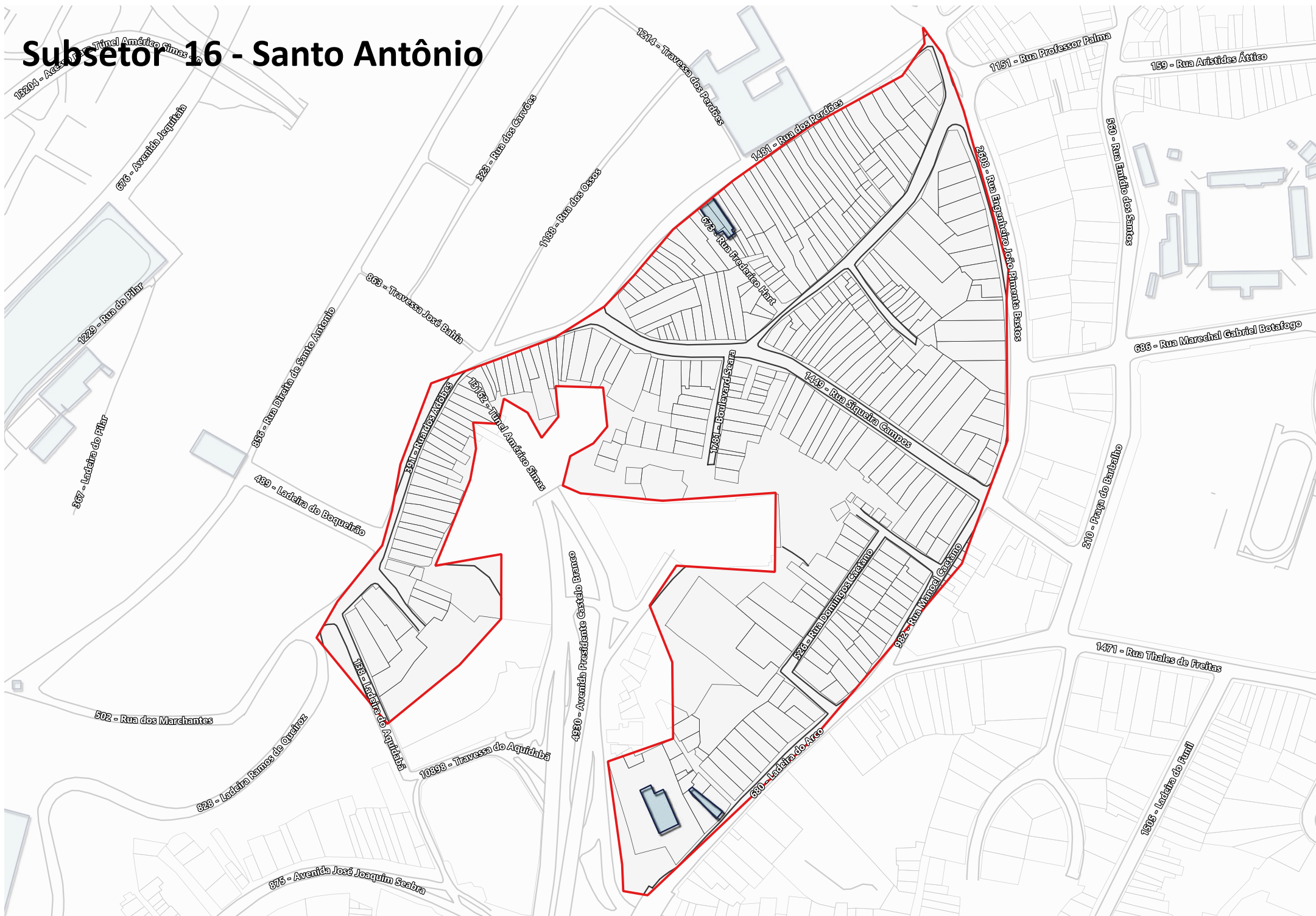
Subsetor 14 - Nazaré



Subsetor 15 - Saúde

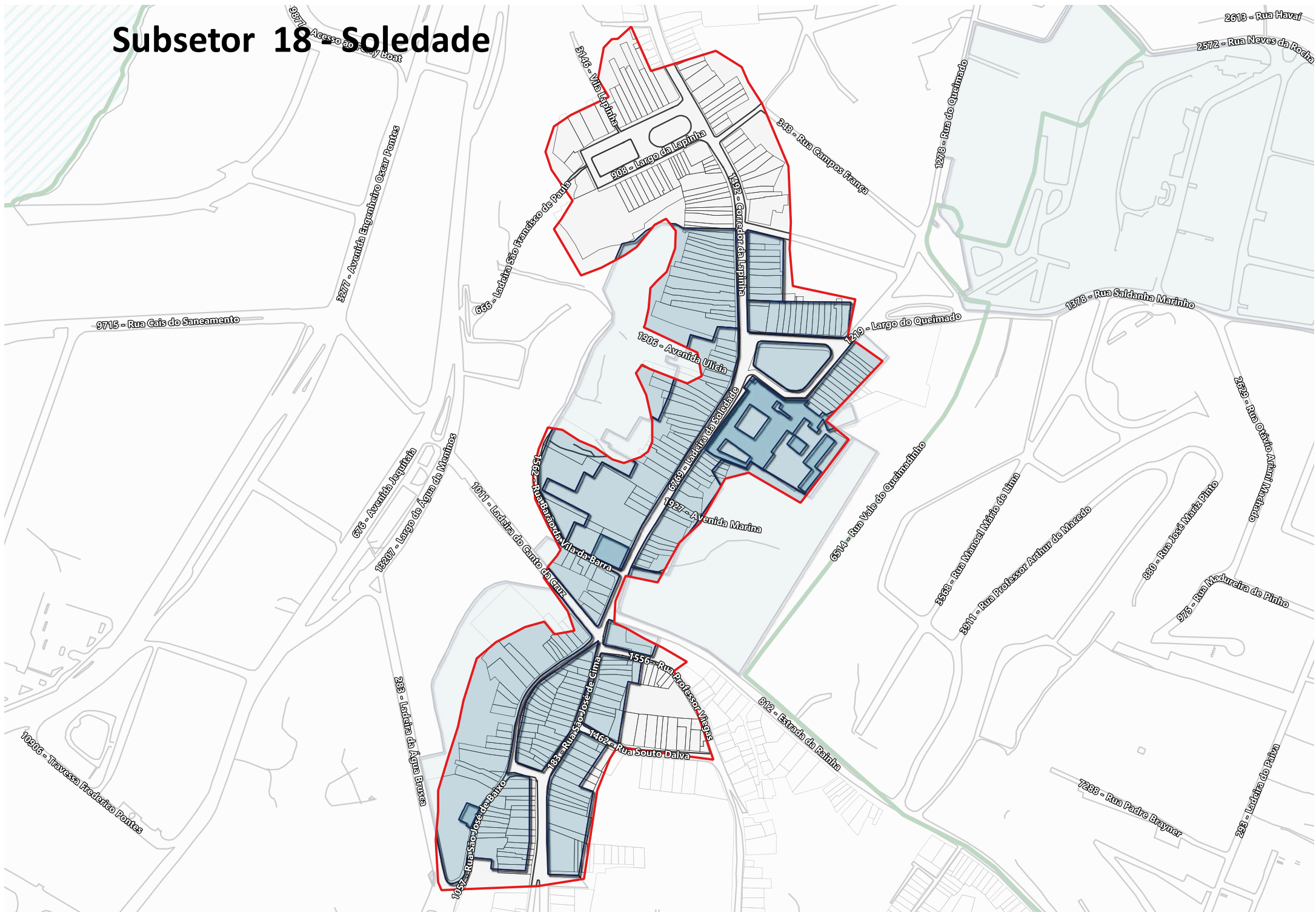


Subsetor 16 - Santo Antônio



[illegible]

Subsetor 18 - Soledade

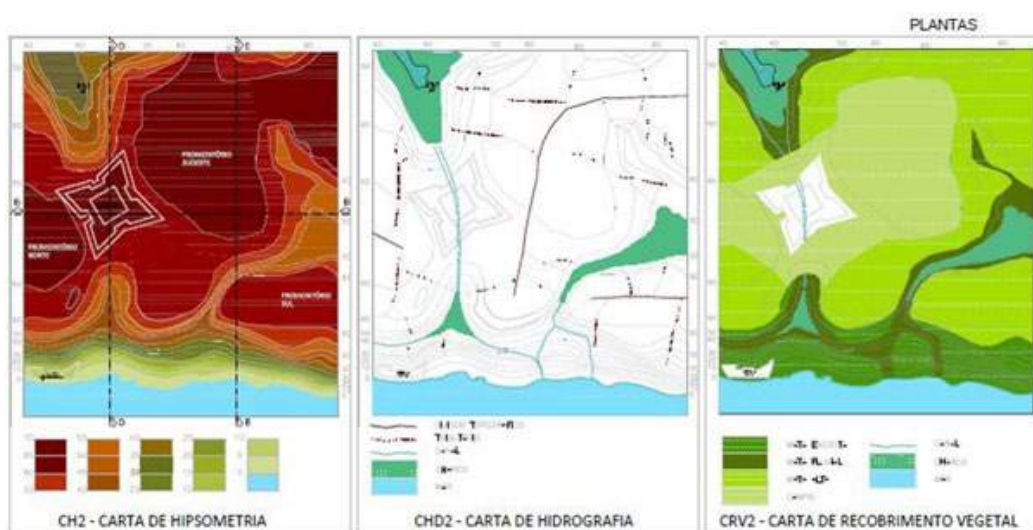
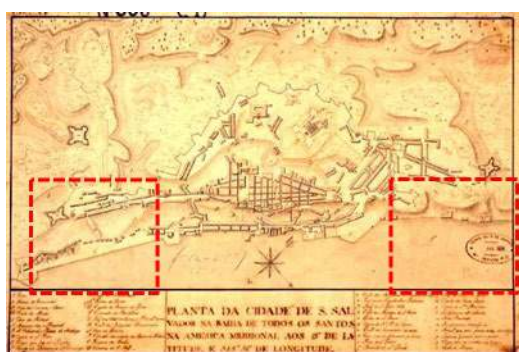


[illegible]

Sub Área 1 Campo Grande

A Sub Área 1 é delimitada pela Praça do Campo Grande e Teatro Castro Alves, prosseguindo em direção ao Forte de São Pedro, Passeio Público, Praça e Palácio da Aclamação.

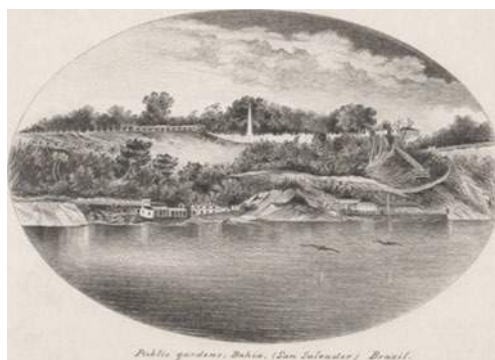
O marco inicial de sua ocupação é o Forte de São Pedro, assentado no extremo sul do traçado colonial, sobre terreno elevado na proximidade com o mar. Sua implantação iniciou-se ainda no século XVII (1627) e sua remodelação, segundo projeto do engenheiro francês Jean Massé, deu-se em 1723, contendo muralhas, baluartes e fosso. O conjunto defensivo ao sul da cidade baseava-se, além do Forte, no Dique Grande, ao Norte; na Bateria de São Paulo da Gamboa, ao nível do mar, e na Casa de Pólvora dos Afritos, base de fabricação, refinamento e distribuição de munições para as fortalezas.



FONTE: CARDOSO, Maria Ângela Barreiros. Campo Grande de São Pedro e Imediações: Origem do jardim público e da arborização urbana em Salvador da Bahia. Tese de doutoramento.2015. UFBA

Até o século XIX, o Forte de São Pedro foi o ponto extremo da ocupação original da cidade na direção Sul, elemento de ligação entre o antigo Distrito de São Pedro e o Distrito da Vitória que se desenvolveria a partir do século XIX. O Forte passou para a jurisdição do Governo do Estado da Bahia em 1939 e, em 1961, foi reformado. Um obelisco foi erguido junto às muralhas, em homenagem aos mortos na Guerra de Canudos. Restaurado na década de 1980 pelo PRODETUR I/BID, abriga, atualmente, Depósito de Suprimento e a 17.^a Circunscrição de Serviço Militar, ambos do Exército.

A partir de 1810, foi implantado o **Passeio Público** de Salvador, na encosta entre o Forte de São Pedro e o mar. Fora dos limites da cidade tradicional, o Passeio Público era um local agradável para a sociabilidade e o estímulo a novos hábitos da vida, em contato com a natureza e a paisagem.



Belvedere do Passeio Público de Salvador: Mirante do por do sol por Victor Frond (1858).

A criação do Passeio Público corresponde ao início de um período de reordenamento do espaço urbano orientado por ideário progressista europeu, especialmente a partir da vinda da Corte Portuguesa para o Brasil, em 1808. Em 1815, ali se instalou o Obelisco Dom João VI, comemorativo da passagem do Príncipe Regente e da família real portuguesa por Salvador. No final do século XIX, o Passeio Público incorporou áreas do fosso do Forte, conforme registro do Imperador D. Pedro II em visita a cidade em 1859. Os fossos foram definitivamente aterrados em 1905.



Charles Landseer (1820)



Victor Frond, (1858)



Vista parcial, atual

Em 1911, o Palacete dos Moraes, residência particular junto ao Largo do Forte de São Pedro (hoje Praça da Aclamação) foi adquirido pelo governo estadual para ser transformado em residência oficial dos governadores. Essa medida reduziu o espaço destinado ao Passeio Público, que passou a ser separado por muro divisório, decorado com bustos femininos.

O Passeio Público passou por reforma em 1925, com instalação de parque infantil. Nas três décadas seguintes, abrigou espaços de arte e cultura: o programa Hora da Criança; a Galeria Oxumaré, 1952; a Boate Manhattam e o Restaurante Perez, 1955; a companhia teatral "Companhia Teatro dos Novos", local cedido mais tarde, em 1964, ao **Teatro Vila Velha**.



Após a transferência da residência dos governadores para Ondina, em 1967, o Passeio Público enfrentou problemas de segurança e manutenção e as atividades artísticas foram sendo desativadas. Em 1990, sofreu nova reforma. Seu acervo foi catalogado e registrado, inclusive a vegetação, em grande parte plantada antes mesmo da inauguração, em 1810.

O Palacete Moraes, hoje **Palácio da Aclamação**, tem projeto do arquiteto italiano Filinto Santoro, fachada com elementos clássicos, frontões triangulares e denticulos. A decoração interna, no estilo Luís XV, apresenta painéis emoldurados, guirlandas, laços e medalhões pintados pelo pintor baiano Presciliano Silva. A partir de 1990, o imóvel passou a ser administrado pelo IPAC. É utilizado esporadicamente pelo governador para solenidades e atos oficiais e, especialmente no Dois de Julho, data comemorativa da Independência da Bahia, conservou-se a tradição do governador receber os cumprimentos no Palácio.

Seu acervo é composto de mobiliário, porcelanas, cristais, bronzes, tapetes e telas. Abriga exposições temporárias e a sede da Diretoria de Museus do IPAC. O salão principal foi recentemente restaurado, mas o prédio como um todo requer restauração e um projeto de utilização.

A atual **Praça do Campo Grande**, o **Campo Grande de São Pedro** foi, segundo relatos de visitantes, um terreno grande e irregular, em volta dos baluartes Sul e Leste do Forte de São Pedro onde se permitia o pastoreio de animais.



Campo Grande de São Pedro, Jean Baptiste Debret. 1830.

O agenciamento do Campo de São Pedro, a partir de 1851, envolveu movimento de terra, extinção das áreas insalubres, resultando na criação de um grande 'parterre' trapezoidal. Estabeleceu, física e simbolicamente, a interligação entre a 'cidade tradicional' e a 'cidade modernizada', quando foram construídas as principais vias urbanas entre o Distrito de São Pedro e o Distrito da Vitória, configurando-se o traçado oitocentista. O projeto de arborização do Campo Grande é atribuído ao Reverendo Eduard Parker, uma composição geométrica de árvores dispostas regularmente em volta do campo, com espaços para acesso de pedestres



Planta de arborização do Campo Grande pelo Reverendo Eduard Parker, 1853. Fonte: Fundação Mario Leal Ferreira. Projeto Executivo de Paisagismo da Praça 2 de Julho. Levantamento histórico, 1997



Campo Grande. Fotografia Aérea de Salvador, 2002. Fonte: Conder

A presença dos ingleses em Salvador, com seus preceitos de higiene, salubridade e contato com a natureza, influencia a urbanização em direção à Vitória. A Câmara Municipal de Salvador promoveu a reformulação do Código de Posturas, visando medidas de ações de salubridade, higiene e aformoseamento. Surge a tipologia do 'english village', com casas recuadas, gradil transparente (frontal, lateral e fundo) e jardins.



O Campo Grande de São Pedro, por Guilherme Gaensly, 1870. Fonte: Disponível em: < <http://www.salvador-antiga.com/campogrande/antigas.htm>



Campo Grande, autor não identificado, tirada do antigo Hotel da Bahia, vendo-se o Hospital das Clínicas, ao fundo, inaugurado em 1948





O Campo Grande, por volta de 1970, passando por baixo a ligação da Avenida Contorno com o Vale do Canela (foto J. Kalkbrenner Fº.).

Ocupando grande vazio entre o Campo Grande e o Forte de São Pedro, está o **Teatro Castro Alves**. O projeto é do arquiteto José Bina Fonyat Filho e do engenheiro Humberto Lemos Lopes, concluído em 1957. Em 1958, faltando cinco dias para a inauguração, o TCA foi destruído por um incêndio, ao qual seguiu-se reconstrução lenta e intermitente, até ser finalmente inaugurado em 1967. O Complexo TCA é o mais frequentado equipamento cultural da Bahia e um dos teatros mais importantes do Brasil. (Sala Principal, com capacidade para 1500 espectadores, Concha Acústica, para 5.600 pessoas, Sala do Coro, com 197 poltronas, Centro Técnico, salas de ensaio e dependências da Orquestra Sinfônica da Bahia e do Balé do TCA. É tombado pelo Iphan.



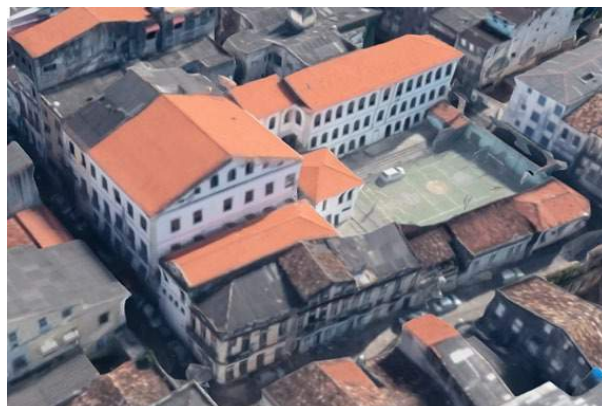
Outro marco da área é o **Hotel da Bahia**, hoje Hotel Wish, inaugurado em 1951, segundo anteprojeto original de Diógenes Rebouças, em parceria com o arquiteto Paulo Antunes Ribeiro. O projeto foi publicado em *L'Architecture d'Aujourd'hui*, *Arquitetura e Engenharia* no livro *Modern Architecture in Brazil*, de Henrique Mindlin. Importantes obras de arte integradas, painel de azulejos de Paulo Antunes Ribeiro (térreo) e o mural "Festas Regionais", de Genaro de Carvalho (1926-1971). Passou por reformas na década de 1970, a primeira envolvendo piscinas e decoração interna. A segunda, com reabertura em 1984, resultou em área construída duplicada (de 13 para 24 mil m²) e 278 apartamentos. O bloco de quartos recebeu um "pavimento de cobertura" recuado, destinado aos serviços e espaços de lazer para os funcionários. O bloco da base teve área duplicada, perdendo a forma orgânica original e ampliando-se sobre o terreno a sudeste do edifício, do lado oposto ao acesso principal. Nesta reforma, três ambientes receberam painéis em alto e baixo relevo, de concreto aparente, de Carybé. Em 2010, o hotel foi fechado. Foi posteriormente arrematado em leilão pelo grupo GJP, e encontra-se reformado e em atividade.



Sub Área 2 – Aflitos/Dois de Julho

A Sub Área 2 se estende paralelamente à falha de Salvador. Inicia-se acima do Convento de Santa Teresa, atual Museu de Arte Sacra da UFBA, Rua do Sodré, nº 25, tombado pelo Iphan em 1938. O convento original, das Carmelitas Descalças, foi fundado em 1665, em local onde havia uma pequena igreja dedicada a Santa Teresa. O Convento de Santa Teresa foi inaugurado em 1686 e a igreja concluída em 1697. O edifício integra o Sítio do Sodré, também tombado pelo IPHAN.

Seguindo pela Rua do Sodré (antiga Rua de Santa Tereza) entra-se na área em estudo, onde encontra-se, no número 43, a **Casa de Castro Alves**, antigo Solar do Sodré, onde atualmente funciona o Colégio Estadual Ypiranga e onde funcionaram os colégios alemão, Piedade e Antônio Vieira. Este sobrado foi construído no início do século XVIII e posteriormente adquirido pelo pai de Castro Alves, local em que morreu o poeta, em 1871. Segundo o Iphan, provavelmente em meados do século passado, foi acrescido um anexo neoclássico ao fundo do edifício. A casa vizinha, de nº 45, não se inclui na proteção. A casa de Castro Alves integra o Conjunto Arquitetônico formado pelas Ruas Carneiro de Campos, Sodré e Travessa Aquino Gaspar, tombado pelo Processo 0684-T-62.

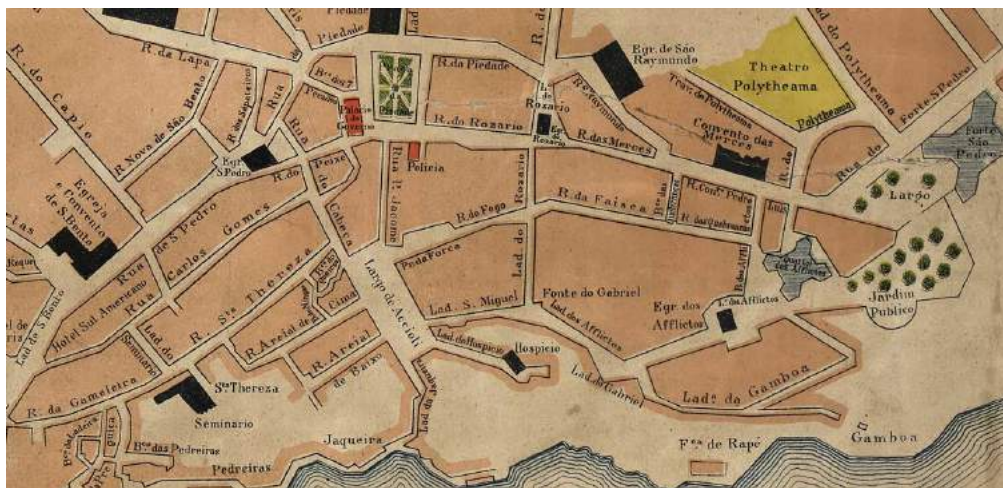


Registro importante do bairro é a sede da Associação de Capoeira Angola Navio Negroiro, ACANNE, criada em 1985 e instalada no bairro desde 2001. Objetiva a preservação da capoeira angola, oferecendo uma educação pela filosofia da capoeira, com foco no trabalho social com jovens. Localiza-se na R. do Sodré, 48, ao lado do Colégio Ypiranga (Casa de Castro Alves). Cabe registrar que a permanência do Colégio no local tem sido objeto de debate com o governo estadual. A associação de moradores reivindica sua manutenção no bairro. <https://www.youtube.com/watch?v=AHBWD2T9jHE>

Na esquina da Augusto França com a Travessa do Gabriel, está a **Fonte do Gabriel** ou Fonte da Vovó, tombada pelo IPAC. Segundo o ipatrimonio.org, não há informações precisas sobre sua origem, mas sabe-se que é uma das mais antigas da cidade. É hoje isolada por um muro.



Subindo a rua do Sodré alcança-se o Largo do Accioli (nomenclatura da planta de AMR) atual **Largo Dois de Julho**. A interseção desse trecho com a antiga Rua do Fogo corresponde a atual Praça General Inocêncio Galvão. Paralelas à Rua do Sodré (Rua de Santa Teresa na planta AMR) e em cota superior, seguem a Rua Carlos Gomes (antiga Rua de Baixo de São Bento), que converge para a Rua do Rosário, atual Avenida Sete. Esse era, no século XVI, o caminho que unia o centro a Vila Velha (atual Vitória). A Rua da Força (P.e Jacome, no Mapa de AMR) parte do Largo Dois de Julho em direção à Praça da Piedade e corresponde ao final do percurso dos condenados, que saíam da Casa de Câmara e Cadeia, antecedendo ao seu destino final na Piedade.



Planta AMR 1984



O Largo Dois de Julho homenageia a Independência da Bahia, em 02 de julho de 1823.



Fotografia publicada em postal, datado de agosto de 1908, com o título: Largo 2 de Julho. Destaque chafariz francês, instalado provavelmente em 1858.
<http://www.cidade-salvador.com/seculo20/1923/aereas-1923.htm>



Aguadeiros na fila do Chafariz. À esquerda, atual sede do CEAO



Chafariz da Cabocla no Largo Dois de Julho - acervo IBGE, cerca de 1950. Em 1982, foi instalado no Largo dos Aflitos, seu local atual. O prédio à esquerda é a sede do CEAO

No Largo fica o Centro de Estudos Afro-Orientais – CEAO, fundado em 1959, parte da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Tem biblioteca especializada em estudos afro-brasileiros, africanos e asiáticos do Brasil.

Em 1965, instalou-se no Largo o Cine Capri, cinema requintado de 780 lugares, destruído por um incêndio, em 1981. No local está hoje o Hotel Capri. A Rua da Faísca tem vida noturna ativa e várias boates.

No entorno do Largo Dois de Julho o comércio é intenso, com açougues, mercadinhos, restaurantes, bares, armazém e vendedores ambulantes e material de construção. Há conflitos de circulação e estacionamentos, com impacto sobre a frequência e usuários. Registra-se a presença crescente de chineses, em substituição dos comerciantes tradicionais, tendência também da Avenida Sete. Estabelecimentos e personagens do bairro estão na literatura de Jorge Amado, especialmente no *Dona Flor e seus dois maridos*. Com a expansão da cidade, não apenas o comércio, mas famílias mais antigas se deslocaram do bairro, que, ainda assim mantém imagem icônica na cidade.

Entre a Unidade 2 e a falésia há trecho de origem e ocupação semelhante, atualmente objeto dos estudos da UFBA/IPHAN.

Citam-se nesse trecho equipamentos importantes, como o Fantoques da Euterpe, fundado em 1884 e um dos mais tradicionais clubes carnavalescos da Cidade, que ocupa um grande edifício na Rua Democrata nº 10. Além desse, a Escola Estadual Permínio Leite, no número 41 da mesma rua. Toda essa área posterior à Rua do Sodré tem vista privilegiada para a baía e é objeto de grande interesse imobiliário

Outro registro importante na Rua dos Democratas, antiga Rua do Hospício, como dito, situado além da Unidade 2, (área de estudo da UFBA) é o do Hospício de Jerusalém (fundado em 1724 e extinto no final do século XIX), que se alcança a partir do Largo Dois de Julho. Em seu prospecto, Vilhena o chama de Hospício dos Leigos da Terra Santa. É atualmente ocupado pela **Igreja e Convento Sagrado Coração de Maria**, Congregação das Irmãs Capuchinhas da Imaculada de Lourdes e pela Vila Operária Coração de Maria, de propriedade da Irmandade de São Pedro dos Clérigos. Na Vila vivem sete famílias, hoje em conflito com a Irmandade interessada em vender a área. Os moradores obtiveram a classificação da área da Vila Coração de Maria como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS). PDDU 2016 <https://doisdejulho.wordpress.com/vila-sagrado-coracao-de-maria/>



Convento Sagrado Coração de Maria

Seguindo pela Ladeira do Gabriel ou pela Rua Augusto França alcança-se a Ladeira dos Aflitos, com seu perfil tradicional escalonado ainda mantido. A ladeira conduz ao largo da Igreja dos Aflitos



Ladeira dos Aflitos, por Joseph Schleier: <http://www.salvador-antiga.com/aflitos/antigas.htm>

No número 27 da Ladeira está a casa do Oitão, tombada pelo IPAC em 1979



A **Igreja dos Aflitos** teve construção iniciada em 1735, inaugurada em 1748, quando foi colocada a cobertura e a imagem foi transferida. As obras continuaram. Está identificada no prospecto de Vilhena, de 1801, sem sua torre. Sofreu reforma em 1824 e, no ano seguinte, foi criada a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Aflitos que administrou a igreja durante o século XIX. A fachada atual, voltada para a baía, é de meados do século XIX. A torre é do século XIX e possui decoração de louça policromada.

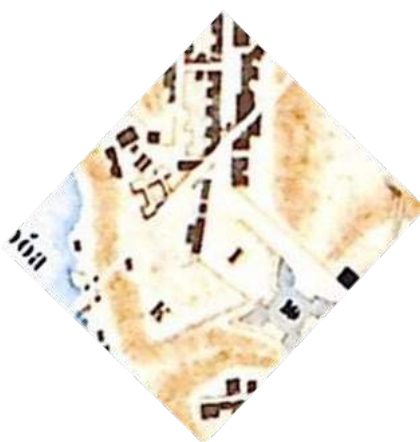


Igreja dos Aflitos entre 1836 e 1839. Fonte: Biblioteca Nacional.
Vistas, usos e costumes do Brasil (Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro) e da Ilha de Ténériffe.

Na lateral da Igreja está o **Quartel dos Aflitos**, edificação iniciada no século XVI (1639) e inaugurada em 1705. Ainda no século XVIII, a Casa da Pólvora havia se transformado em hospedagem e hospital para estrangeiros. Entre 1856 e 1876, funcionou como Hospital dos Aflitos. Foi reformado em 1893, reforma que lhe conferiu dois pavimentos e fachada eclética. Em 1937, foi restaurado e novamente ampliado, acrescidos elementos neogóticos na fachada. Em 1938, o Comando militar retorna ao Quartel após reforma.



Na cartografia mais antiga, esta área figura como desocupada, situação que se estende até pelo menos a Planta de 1955. Sua topografia em talveque e a presença de nascentes certamente explica sua ocupação tardia.



Ainda segundo Vilhena, em 1723, havia um caminho externo entre o Forte e a Fonte de São Pedro. A galeria de captação de água, o frontispício e a bacia de recolhimento de água servida foram construídos no século XIX, segundo dados do *Livro de Posturas Municipais*, 1852, disponível no Arquivo Histórico Municipal. Depois de décadas esquecida, foi redescoberta quando da construção da ligação da Rua Gustavo de Andrade com o Vale dos Barris. <http://mapas.cultura.gov.br/espaco/11754/>

Compõe-se de galerias de captação de água, frontispício e bacia de recolhimento de água servida.



O **Conjunto Residencial Politeama**, edifício concluído em 1970, com 8 blocos de 40 apartamentos, totalizando 320, tem implantação que explora o desnível da quadra, sem elevadores, com pavimentos acima e abaixo do nível da rua. A imagem atual da área se relaciona fortemente com o edifício, que fortalece a função residencial na região.

No entanto, depoimentos dos moradores, hoje mais idosos, ressaltam as limitações de acessibilidade ao interior do edifício e as dificuldades de estacionamento no entorno.



Sub Área 4 - Mercês Rosário

A Sub Área 4 situa-se entre o Campo Grande/Forte de São Pedro e a Praça da Piedade, organizada em torno da Avenida Sete. Seu eixo central corresponde ao que foi, até meados do século XIX, a Rua das Mercês e a Rua do Rosário. A toponímia da Rua do Rosário registra Rua de João Pereira (parte do caminho para a Vila Velha, na Barra); "Rua do Rozario de João Pereira", no séc. XIX; Rua Conselheiro Pedro Luiz, no início do sec. XX. Esse é o trecho mais antigo da atual Avenida Sete, parte do caminho de ligação do centro com a antiga vila de Pereira Coutinho, na Barra. Em 1913, trecho foi alargado no contexto do plano JJ Seabra, tendo edificações e fachadas demolidas do lado do Convento das Mercês.



Planta AMR 1894



Atlas 1955

O Convento das Mercês



1862, com fachada anterior às demolições.
Passeio Público ao fundo.
Fotografia de Castro y Ordoñez



Processo de demolição em 1913. A fachada foi recuada de 3 a 4 metros para a passagem da Avenida 7



Fachada pós demolições



Atual Casa de Itália à esquerda. Fachadas demolidas em 1913, à direita, incluindo a do Convento das Mercês



Trecho das Mercês até o Rosário, na Avenida 7, cerca de 1920. Vê-se o muro do Convento das Mercês, à direita. Postal Catilina



Trecho da Avenida 7 de Setembro, próximo às Mercês por volta de 1930. As fachadas dos prédios da direita são posteriores à demolição

Junto à Praça da Piedade (Sub Área 8) foi construída a igreja de São Pedro, em substituição à demolida próximo de São Bento. A frontispício da Igreja do Rosário foi também demolido e modernizado. Na fotografia, vê-se em primeiro plano, a nova Igreja de São Pedro, construída em 1916. Ao fundo, a igreja do Rosário, depois da modernização (fotografia de cerca de 1940) <http://www.salvador-antiga.com/rosario/antigas.htm>



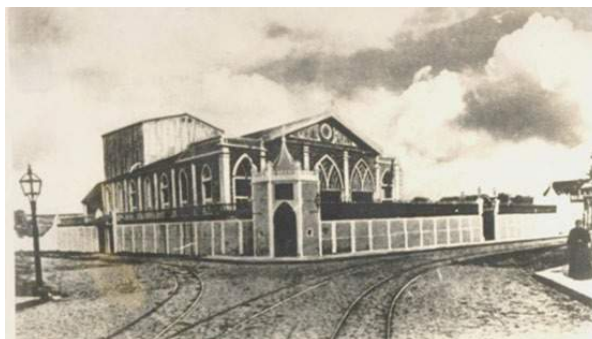
O conjunto permanece sendo um dos mais ricos da avenida, com fachadas escondidas por placas e engenhos publicitários

A **Rua do Forte de São Pedro** tem morfologia e usos muito diversos em seus dois lados. Na lateral voltada para a Sub Área 4 tem movimentação de pedestres, comércio e serviços dinâmicos, enquanto que do lado oposto estão a muralha do Forte de São Pedro, seguida pela amurada da Praça da Aclamação. No início da rua, a igreja Batista do Sião tem cultos nos finais de semana e é tradicional na cidade. Segue-se o Restaurante Cervantes, de comida espanhola, o antigo bar de Tirson Chiquitinha, concentração de gerações de torcedores do Bahia. A rua tem várias lojas de produtos populares, materiais de construção, vidraçarias, lanchonetes, salões de beleza, lojas de vestuário feminino e ambulantes em toda a extensão.

Após o Hotel Santiago, está o **Beco do Alemão** que dá acesso ao interior da quadra do edifício Politeama (Sub Área 3), onde se localiza uma espécie de vila, um parcelamento informal, densamente ocupado e com sérias limitações de acessibilidade. (ambulância, bombeiros não acessam o interior, já que o beco dá passagem a apenas uma pessoa) Esta configuração é observável desde a Planta de 1955. Ao se consultar o Cadastro da SEFAZ, verificou-se que tais unidades constam como tendo registros de IPTU Ativos. (pontos em rosa no croqui abaixo)



No extremo do caminho de acesso ao Forte, localizava-se, até o final do século XIX, um grande vazão que dava lugar à praça de touros de Salvador. Este sítio foi ocupado pelo Teatro Politeama baiano, inaugurado em 1883.



http://www.atlas.ufba.br/atlas_2004_2/Jaime/politeama.htm

O teatro foi demolido e no local está hoje a sede do **Instituto Feminino da Bahia** cuja sede atual foi construída entre 1937 e 1939. Trata-se de uma instituição privada, católica, que teve início em coleção particular com acervo de mais de 15.000 peças (mobiliário, cristais, prataria, porcelanas, imaginária, pinturas, esculturas e objetos decorativos dos séculos XIX e XX). Destaca-se a coleção de Indumentária do Museu do Traje e do Têxtil.



Outra referência da área é o edifício do **antigo Arquivo Público**, atual, **Procon**, na esquina da Rua Carlos Gomes com a Rua da Faísca.

Monumento relevante da área é o **Recolhimento de São Raimundo Nonato**, fundado em 1753, obra concluída em 1759 pelos frades de Santa Teresa, com a função de abrigar mulheres convertidas. O recolhimento é atualmente administrado pela Irmãs de Nossa Senhora dos Humildes e faz parte da Paróquia de São Pedro. Um segundo movimento de modernização, já na 2ª metade do século XX, levou, em 1968, à demolição de parte da Igreja para a construção do viaduto em continuação à Rua Direita da Piedade, sobre o Vale dos Barris. Não consta tombamento do edifício.



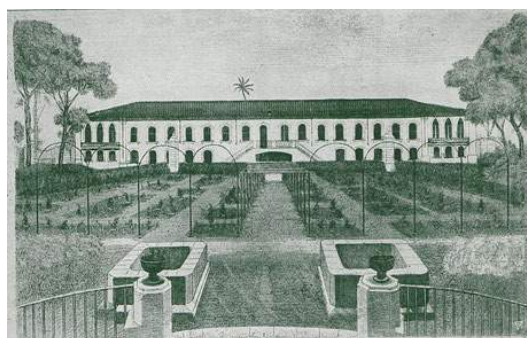
São Raymundo e seu Convento, em 1923



A Igreja foi reduzida em comprimento, na demolição, mas os altares foram preservados



São várias as hipóteses para o nome do bairro – Barris – que têm em comum, independente de qual seja a motivação precisa, relacionar-se com a presença abundante de água de mananciais e fontes. No século XVIII, localizava-se na área a chácara de residência do Marquês de Barbacena. Felisberto Caldeira Brant Pontes de Oliveira Horta, início de sua ocupação.



Em 1859, o Colégio Baiano, mais tarde Colégio São José, muda-se para os Barris, local considerado mais salutar por ser distante do centro. O Colégio recebia internos e semi-externos. Nele estudaram Castro Alves, Ruy Barbosa, Muniz Barreto, Rodolpho Dantas, Araújo Pinho, entre outros. A partir do século XIX, o bairro configurou-se como uma expansão residencial de famílias mais abastadas, partindo da Praça da Piedade em direção à cumeada, servido por linha de bonde que passava na Rua do Salete e Rua General Labatut. Com a mudança de perfil do bairro, o terreiro Ilé Axé Oxumarê, ali instalado no séc. XIX, teria sido obrigado a mudar-se para a Avenida Vasco da Gama.



1

Na Rua do Salete (antiga Rua dos Currais Velhos) localizam-se a **Escola de Nossa Senhora do Salete**, hoje Instituto, instalado no bairro desde 1858, e a **Faculdade Visconde de Cairu**, desde 1905. Ao lado do Instituto localiza-se casa de Guilherme Marback, tombada pelo IPAC, que abriga a presidência e alguns setores administrativos da Fundação. Guilherme Marback foi político e governador interino da Bahia em 1946.

No bairro se localizava o Quartel de Cavalaria da Polícia Militar da Bahia, que abrangia parte da atual Praça Almirante Coelho Neto. A Rua Almeida Santos, região abaixo da praça, conhecida como Roça dos Lobos, era habitada por descendentes de militares.

Entre os anos 1930 e 1950 do século XX, registra-se a construção de residências art déco de bom padrão no bairro, que permanecem como um dos maiores acervos da cidade.

Em 1970, foi inaugurada a nova sede da **Biblioteca Pública do Estado da Bahia**, conhecida como **Biblioteca Central dos Barris**. Fundada em 13 de maio de 1811 e referida como a primeira biblioteca pública da América Latina, possui acervo de mais de 150 mil livros, além de duas salas de cinema, galeria de arte, teatro, biblioteca infantil e a sede da Diretoria de Imagem e Som da Bahia. A Biblioteca ocupa local onde se localizava o Ginásio São Jose.



A Biblioteca e demais instituições de ensino conferiram uma marca cultural ao bairro, seja associada ao cinema, à presença de repúblicas estudantis, como a Casa de Estudantes de Ibititá, sedes de partidos políticos, centros de cultura oriental e o Bar Velho Espanha.



Biblioteca Estadual da Bahia

A construção da Avenida Vale dos Barris na década de 1970 e do viaduto de São Raimundo iniciaram uma fase de transformações no bairro, levando à atual diversificação de usos, especialmente serviços de saúde, atividades culturais, além da forte marca educacional. A Estação da Lapa, Shopping Piedade (1985) e Shopping Lapa (1996) fortaleceram os usos não residenciais no bairro. Registram-se, por essa razão, conflitos com os moradores tradicionais. Há também registros de redução das atividades da Biblioteca nos fins de semana e a redução da programação de segunda a sexta, em razão de problemas de conservação do edifício.

Está sediada no bairro a **Associação Baiana de Cegos**, que estimulou a implantação de pisos táteis nos passeis que fazem o percurso até a Estação da Lapa.

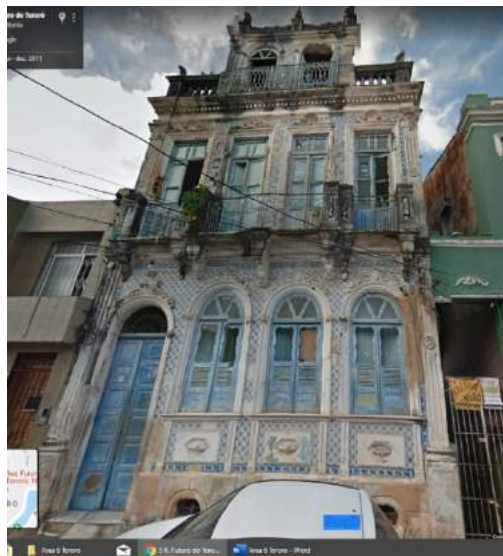
Sub Área 6 - Tororó

A Sub Área 6 se distribui em torno da Rua José Duarte, que tem início atrás da Pupileira. No final do século XIX, registra-se a existência da Igreja e Paróquia de Nossa Senhora da Conceição do Tororó, tornada matriz em 1954. A igreja localiza-se na rua da Capelinha do Tororo.



A Igreja de Nossa Senhora da Conceição de Tororó

A rua do Futuro do Tororó, liga o bairro à Estação da Lapa, um acesso importante para o bairro. Seu início, junto à estação, está ocupado pela ZEIS do Tororó. Na altura do número 16 está a casa de azulejos, em estado precário. Não há registro de proteção.



A Escola Municipal Amélia Rodrigues é uma escola tradicional do bairro, com registro de funcionamento desde 1934 na Rua José Duarte, nº 49. O prédio foi demolido e a escola localiza-se hoje à Rua do Amparo s/n, em prédio inaugurado em 1998. Funciona em três turnos, desde o pré-escolar até a 8ª séri.



Adjacente à Sub Área 6, na cota da Avenida Vale dos Barris/Praça Mário Brasil, está a **Fonte do Dique do Tororó**, cujo sistema de captação em alvenaria de pedra, com cúpulas de tijolos culminadas por coruchéus, data de 1875. Sua água era bombeada manualmente para o Asilo dos Expostos (Pupileira) e a população vizinha. Considerado um dos primeiros serviços de abastecimento de água da Bahia, foi tombado pelo IPAC em 1980.

O **Dique do Tororó** possui uma lagoa de 110 mil metros cúbicos de água, delimitada pelo bairro do Tororó na margem esquerda, margeado pelas avenidas Presidente Costa e Silva e Vasco da Gama, que, ao Sul, convergem para a avenida Centenário e o Vale dos Barris. Foi erguido com função defensiva entre o final do séc. XVII e meados do séc. XVIII, quando correspondia ao limite norte da cidade, do forte do Barbalho até o forte de São Pedro. O primitivo dique era uma ampliação do dique de defesa da Cidade Alta, executada durante o governo de Vasco Fernandes César de Meneses (1720-1735), segundo o plano de fortificação de Salvador, elaborado em 1714 pelo capitão de engenheiros francês Jean Massé. Na década de 1990, o Dique foi revitalizado pela CONDER. Uma de suas principais referências são as oito esculturas de orixás sobre o espelho d'água, instaladas em 1998 e assinadas pelo artista plástico Tatti Moreno. Representam os orixás Oxum, Ogum, Oxóssi, Xangô, Oxalá, Iemanjá, Nanã e Iansã.

Fundado em 1970 no Bairro do Tororó, o bloco **Apaxes do Tororó** é o mais antigo bloco carnavalesco de inspiração indígena do carnaval de Salvador. Inspirado nas tribos indígenas dos filmes americanos, o "Apaxes do Tororó" utiliza a grafia errada no trio elétrico e denuncia, no carnaval, a exploração do povo negro e indígena.

Sub Área 7 – Jardim Baiano

O parcelamento do Jardim Baiano é da década de 1930, partindo da Avenida Joana Angélica na altura do Campo da Pólvora e ocupando a colina em direção ao Dique do Tororó. As ruas acompanham as curvas de nível e têm nomes de “boulevard”, embora com lotes de pequenas dimensões e passeios estreitos. O bairro é ainda predominantemente residencial, com presença de arquitetura dos anos 1950/60 de traços modernistas, implantadas com afastamentos frontais e laterais. Na via de contorno, um conjunto de edifícios residenciais com pilotis e cinco pavimentos. Predominam casas, uma delas, na Rua Arquimedes Gonçalves, tem painel de Caribe na fachada.

A tranquilidade do local sofre os efeitos da proximidade da Arena Fonte Nova e da expansão de atividades de serviços a partir da Avenida Joana Angélica, como a Defensoria Pública da Bahia, o SindPetro e a Fundação CEFET. A rua de contorno oferece pequenos mirantes do Dique do Tororó, embora a ocupação entre esta e a Avenida, sobre talude com altas declividades, aparente ser irregular. (a verificar se existem oficialmente lotes nesse trecho)



Vista do Dique com prédios que ocupam a via de contorno do Bairro Jardim Baiano no topo à esquerda

<https://varelanoticias.com.br/antes-e-depois-fotos-mostram-mudancas-de-salvador-ao-longo-dos-anos-veja/>

Sub Área 8 - Lapa Piedade

A Sub Área 8 se organiza a partir da Praça da Piedade, de onde partem a Avenida Sete, em direção a São Bento; a Av Joana Angélica, em direção ao Convento da Lapa, e a Rua Conselheiro Junqueira, em direção aos Barris.

A Praça da Piedade é considerada um marco da ocupação da cidade para além dos limites da primeira muralha, quando, em uma de suas laterais, foi construído o Hospício de Nossa Senhora da Piedade, inaugurado em 1686. A Igreja e Convento de Nossa Senhora da Piedade passaram por sucessivas reformas e ampliações no início do século XVIII, no início do século XIX e também no século XX, quando sua fachada foi novamente modificada.



Litografia de Louis-Julien Jacottet (1806-1880), com base em desenho de Rugendas e figuras de A. Bayout. Publicada em 1835, por Thierry frères, em Paris. Título original: Hospice de N.S. da Piedade a Bahia.



Em 1799, a Praça da Piedade foi o local de execução dos quatro acusados da Conjuração Baiana, fato histórico que se tornou indissociável de sua imagem. Seu agenciamento paisagístico e a definição exata de contornos somente vão acontecer com o assentamento dos trilhos dos bondes, fazendo da Praça um ponto de articulação viária de toda a cidade. Passou por sucessivas reformas, sendo a mais relevante aquela realizada no governo de J.J. Seabra, quando se ajustou ao alargamento da Avenida Sete. Nesse período, o conjunto circundante também sofreu grande transformação, configurando-se bastante próximo do que é hoje: são construídos o Gabinete Português de Leitura (edifício manuelino, inaugurado em 1923), a Igreja de São Pedro (edifício neogótico, inaugurado em 1917, em substituição à Matriz de São Pedro Velho demolida).



Gabinete Português de Leitura, inaugurado em 1918, e a Igreja da Piedade, com fachada foi reformada no início do século 20.



A nova Igreja de São Pedro na Praça da Piedade, em substituição à demolida

Em 1913, parte do edifício do Senado da Bahia foi também demolida para passagem da Avenida Sete e no local foi instalado o Instituto Histórico e Geográfico da Bahia. O Instituto possui acervo histórico notável, com destaque para o acervo cartográfico, considerado o maior da Bahia.



Edifício do Senado da Bahia antes e depois da demolição parcial



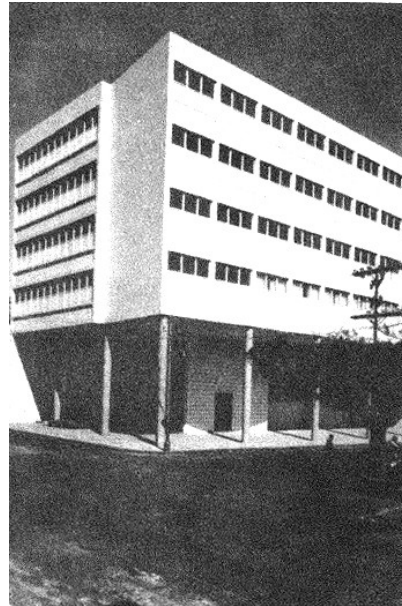
Atual sede do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia

Em 1931, o chafariz situado no centro da praça foi substituído por uma fonte luminosa. Em fins da década de 1980, nova reforma introduz bancos pré-moldados circundando os canteiros; na década de 1990, a Praça é novamente reformada, com introdução do gradil de Caribé e a colocação de pedestais nos portões em homenagem aos executados pela Conjuração Baiana. A praça passou por nova limpeza e conservação em 2014. Sua função de nó viário e antessala da Estação da Lapa é atrativa para o comércio ambulante, que a ocupa intensamente, até mesmo seus gradis. O local é também ponto de encontro de aposentados, inclusive com a realização de uma feira dos aposentados aos domingos.

Nas demais laterais da Praça foram implantados equipamentos públicos com arquiteturas representativas de outros períodos históricos e que contribuem com o caráter cívico e político do local: a Faculdade de Ciências Econômicas UFBA e a antiga sede da Secretaria Estadual de Segurança Pública. Mais à frente, em direção ao Convento da Lapa, está a sede da OAB Bahia.



Sede da Secretaria de Segurança Pública



Faculdade de Economia da UFBA, de 1956



Sede da OAB Bahia

A lateral leste da praça dá acesso ao Beco da Força que, por sua vez, dá acesso a pé à rua Carlos Gomes e também ao Largo 2 de Julho (Praça Inocêncio Galvão). O Beco da Força, como visto, corresponde ao fim do percurso vindo da Casa de Câmara em direção à Praça da Piedade



A antiga Rua de São Pedro (hoje trecho da Avenida Sete) estendia-se da Igreja (hoje Largo de São Pedro) até o Mosteiro de São Bento e foi calçada de pedras em 1855.

Em 1913, a demolição da Igreja de São Pedro, matriz da Freguesia de São Pedro Velho Extramuros, para passagem da Avenida Sete, deu lugar ao atual Largo de São Pedro, enquanto que uma nova Igreja de São Pedro foi construída junto à Praça da Piedade, em 1916. Em 1916 foi instalado o Relógio no Largo de São Pedro, que permanece como importante referência da área. A terceira sede da Escola Politécnica ficava no Largo, em um antigo prédio, onde funcionou de 1905 até 1960. No local está atualmente o Edifício Fundação Politécnica.



Largo de São Pedro em postal colorizado. O monumento ao Barão do Rio Branco, ao centro, está no local da antiga Igreja de São Pedro, demolida em 1913.

O Relógio de São Pedro foi instalado posteriormente, em 1916.

Na Praça da Piedade tem início a atual avenida Joana Angélica, para onde tem frente a Estação da Lapa, o Shopping Piedade e, na sequência, outro marco histórico da Sub Área 8, o **Convento da Lapa**.

O Convento da Lapa foi inaugurado em 1744 e destinado às franciscanas concepcionistas. Tem igreja com nave única, acesso lateral e torre próxima à capela-mor. Entre os elementos decorativos de seu interior, destacam-se azulejos portugueses e a pintura do forro da nave, em perspectiva ilusionista, atribuída a Veríssimo de Souza Freitas. A igreja da Conceição da Lapa segue sendo utilizada para celebrações e atividades da paróquia, mas as funções de convento foram transferidas para um mosteiro nos Barris. O Convento tornou-se célebre porque durante as guerras da Independência em 1822, aí foi assassinada sua abadessa, a Madre Joana Angélica, ao defender a clausura e a integridade do Convento. Joana Angélica tornou-se mártir nacional, com processo de beatificação em estudo.



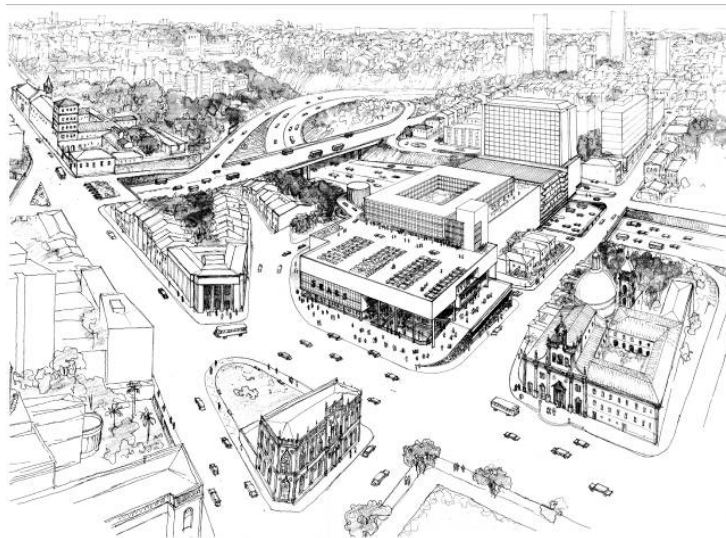
Próxima ao Convento está a sede da **Academia Baiana de Letras**, localizada no palacete Gois Calmon, à Avenida Joana Angélica 198. Não se identificou tombamento do edifício.



O **Terminal Lapa**, um complexo de integração ônibus metro de maior movimento da Região Metropolitana, situa-se na área posterior à Praça da Piedade, ocupando também a área posterior ao Convento da Lapa. Seu terminal de ônibus, inaugurado em 1979, atende hoje a mais de 500 mil passageiros/dia com funcionamento 24 horas, para onde convergem linhas urbanas e metropolitanas. Em 2014, foi inaugurada a Estação Lapa do Metro de Salvador, com integração ao terminal de ônibus. Associados ao sistema de transporte, foram construídos dois shoppings: o Shopping Center Piedade, em 1985, segundo projeto arquitetônico de autoria de André Sá e Francisco Mota, a partir dos estudos preliminares de Diógenes Rebouças, e, na porção do terreno mais próxima da Praça da Piedade, a Construtora OAS inaugurou, em 1996, o Shopping Center Lapa.



O desenho em perspectiva a seguir corresponde a estudos datados de 1967 para o local, de autoria de Diógenes Rebouças e documentados em artigo do arquiteto Nivaldo Andrade. A concepção incluiria, além do centro comercial, uma alta torre destinada a um hotel e torre mais baixa para um edifício de escritórios, projetados em linguagem francamente moderna. Rebouças propôs também uma nova via expressa que, partindo do Estacionamento de São Raimundo, passaria por debaixo do Shopping Piedade para chegar ao grotão localizado nos seus fundos, onde foi mais tarde implantada a Estação de Transbordo da Lapa. Daí partiria uma grande alça que se conecta ao Vale dos Barris e, através de um novo túnel, à Barroquinha.



Outra proposta para a área é do arquiteto João Filgueiras Lima, autor do projeto da Estação de Metro da Lapa. Em 2011, Lelé sugeriu atualizar a Estação e incluir um novo centro comercial, prevendo dois pavimentos de garagem no subsolo interligados à atual plataforma de desembarque e dois pavimentos comerciais acima. Também foi proposta a ligação com as cumeadas laterais à Estação, através de duas passarelas que se conectariam a uma praça, na cobertura, funcionando como uma nova opção de circulação. O projeto não foi executado. Mais recentemente, a imprensa noticiou nova proposta do concessionário do Metro, muito criticada pela solução arquitetônica incompatível com a arquitetura pré-existente e com os valores da área.



Estudo para Shopping no Terminal da Lapa, não construído

<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/projetos/15.169/5414?page=2>

O porte da infraestrutura instalada, inclusive com perspectivas de ampliação, deixa claro que a vocação da área como polo do sistema de transporte é definitiva e que seus impactos e tendências devem ser avaliados pela proposta de normatização.

Além de local de referência para as manifestações políticas, outra prática associada à Praça da Piedade é a da Festa de São Pedro, santo é padroeiro dos pescadores. O trajeto da procissão sai da Igreja de São Pedro, no bairro da Piedade, por e segue pelas ruas do centro e retorna à Igreja de São Pedro para a celebração de missa campal.

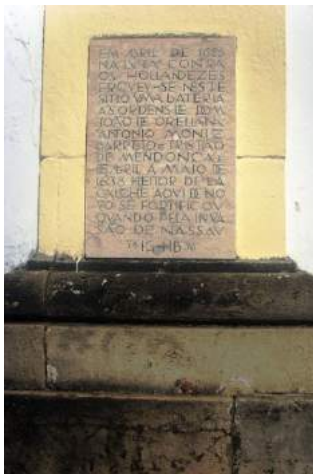
Sub Área 9 - Palma Mouraria

A Sub Área 9 se organiza em torno da Praça Duque de Caxias e do Largo da Palma. Liga-se à Avenida JJ Seabra na altura da Praça dos Veteranos por meio da Ladeira da Palma. Sua localização central em relação a Nazaré, à Fonte Nova e ao Barbalho, a São Pedro, Lapa e Campo Grande, além de ruas que desembocam na Barroquinha e no Pelourinho, tem estimulado a diversificação de usos, entre comércio, clínicas, restaurantes e cursos de especialização e pré-vestibular.

A Igreja e Convento de Nossa Senhora da Palma foram construídos a partir de 1630 sobre o "Monte das Palmas", uma das primeiras áreas de expansão da cidade, com a particularidade de não se dar pelos caminhos de Nazaré, mas transpondo o Rio das Tripas. Em 1630, no Monte das Palmas, local em que as tropas portuguesas se reuniram para cercar a cidade ocupada pelos holandeses, foi iniciada a construção da Igreja de Nossa Senhora da Palma, graças ao voto de devoção feito por Bernardino da Cruz Arraes.



Igreja de Nossa Senhora da Palma



Placa fixada pelo IGHB na fachada da igreja, diz que: *"Em abril de 1625, na luta contra os holandeses, ergueu-se neste sítio uma bateria às ordens de D. João de Orellana, Antonio Moniz Barretos Tristão de Mendonça e, de abril a maio de 1638, Heitor de la Calche, aqui de novo se fortificou quando da invasão de Nassau. I.G.H.B. - 1938".*

Segundo estudo UFBA/CEAB e Fundação Gregório de Mattos, em torno de 1650, os sítios da Palma, Desterro e Saúde já apresentam aglomerações, sinalizando os vetores de desenvolvimento



Evolução Física de Salvador, em 1650. Fonte: Evolução Física de Salvador (UFBA/CEAB; Fundação Gregório de Mattos, 1998).

O funcionamento do Convento iniciou-se em 1670, posterior à igreja que, nesta época, foi ampliada. Pertencente à Ordem dos Agostinhos Descalços, a Igreja foi transferida para a Irmandade do Senhor da Cruz, em 1822, com o retorno daqueles a Portugal. A igreja atual, da segunda metade do século XVIII, tem planta em "T", formada por nave, sacristia subdividida, corredores laterais e tribunas. A fachada tem elementos rococó, encimada por frontão com volutas e nicho. A torre tem terminação piramidal. Seu interior é de transição do rococó para o neoclássico e o teto da nave possui pintura ilusionista barroca, atribuída a Veríssimo de Souza Freitas.



Nave e altar mor da Igreja de Nossa Senhora da Palma

O Largo da Palma tem atualmente movimento noturno de pequenos bares e restaurantes, conhecidos por servir a tradicional lambreta. Foi cenário de Dona Flor e Seus Dois Maridos, local de ensaios do grupo de percussionistas Marreta. O Bar dos Internacionais é o local de onde saía, a partir de 1962, o Bloco carnavalesco de mesmo nome, onde só desfilavam homens.



Imagens do filme Dona Flor e Seus Dois Maridos



Em 1912, é construído o Quartel da Mouraria, atual Quartel General da 6ª Região Militar, localizado em frente à Praça Duque de Caxias,



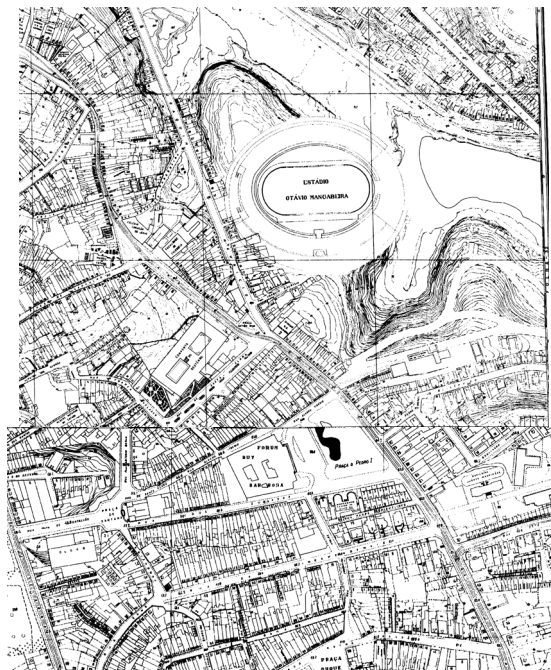
Quartel General da 6ª Região Militar



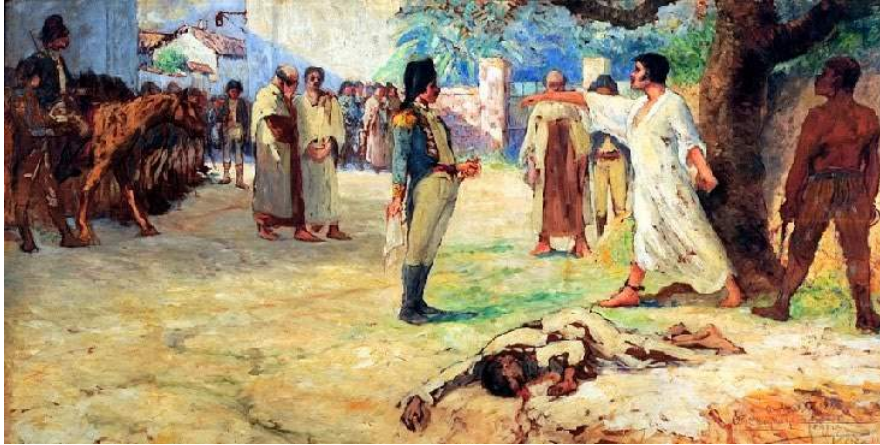
Monumento em homenagem a soldados baianos mortos durante 2ª Guerra Mundial e outras batalhas.

Sub Área 10 -Campo da Pólvora

A Sub Área 10 é formada pelas quadras ao longo da Avenida Joana Angélica, tomando como ponto central o Campo da Pólvora.



A presença de uma casa de pólvora, destinada à armazenagem de arsenais, motivou o nome de Campo da Pólvora para o grande descampado em frente. Durante o século XIX, o local passou a chamar-se Praça dos Mártires, por deliberação municipal, em memória dos revolucionários pernambucanos fuzilados pelo apoio a Revolução Pernambucana. Entre eles estava José Inácio Ribeiro de Abreu e Lima, o Padre Roma, tema da tela de Antônio Parreiras, abaixo.



Entre 1867 e 1876, o campo foi nivelado e, a partir dos primeiros anos do século XX, registra-se sua utilização para jogos de futebol. O primeiro jogo foi realizado em 1901 e o primeiro campeonato baiano em 1905. Em 1905, o Campo se tornou oficial para os jogos da Liga Baiana de Esportes Terrestres. No início do século XX foi denominado Praça D. Pedro II, quando passou por obras de alargamento. O nome popular, no entanto, permaneceu até que foi oficialmente restabelecido em 1961

O público se posicionava pelos quatro cantos do campo, que era contornado por cadeiras. Era também lugar para montagem de circos e eventos populares. O vazio, antes do Forum Ruy Barbosa, se estendia até a igreja de Santana





Vista do Campo da Pólvora, antes da construção do Fórum. Fonte: Coleção Arquivo Municipal

A presença da Casa de Pólvora, do Quartel, dos Conventos do Desterro e da Lapa, além da igreja da Palma (Sub Área 9) eram, no início dos 1700, elementos de uma cidade ainda fortificada, com áreas de trincheiras e fortificações costeiras que se estendiam até o Recôncavo. Elemento dessa espécie de complexo militar, o Quartel das Forças Armadas, localizado ao Norte da Praça (ver Planta AMR) deu lugar às instalações do **Colégio Estadual da Bahia** a partir de 1900. O Colégio havia sido criado em 1837, com o nome de Liceu Provincial, funcionando no Convento da Lapa. Na nova localização, é inaugurado o edifício eclético e praça no entorno, onde passou a funcionar. Ao longo dos anos o edifício ganhou vários anexos e extensa área ocupada por quadras esportivas e áreas livres.



Antigo Gymnasio da Bahia em fotografia de postal Edição Almeida & Irmão, início do século 20. <http://www.salvador-turismo.com/conde-arcos/chafariz.htm>

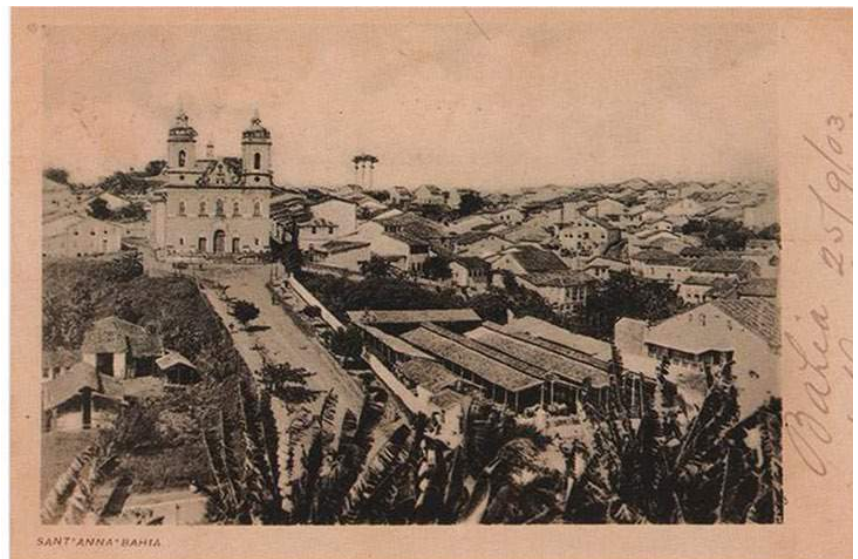


Em 1723, foi criada a Paróquia de Santana, entre o campo da Pólvora e a atual Avenida JJ Seabra. Nos séculos XVII e XVIII, os moradores da freguesia, afora os militares, eram pequenos comerciantes, oficiais mecânicos, pedreiros, carpinteiros, escultores e artistas, pintores e ourives, com a presença de algumas famílias tradicionais. Em 1726, na Ladeira de Santana, hoje entre Ruas do Tingui e Rua da Carro, é iniciada a construção da **Igreja do Santíssimo Sacramento e Sant'Ana**, inaugurada em 1746, mas com obras concluídas somente em 1828. A igreja tem importante acervo sacro, com seis altares laterais e dois púlpitos, com obras de Antônio Joaquim Franco Velasco, José Rodrigues Nunes e José da Costa Andrade.

A heroína baiana Maria Quitéria foi sepultada na igreja. A magnitude do tempo, com espaços distribuídos em três pavimentos implica em dificuldade de utilização, além da igreja ser considerada fora da rota do turismo religioso.



Igreja do SS.Sacramento e Senhora Santana.



Ladeira ligando a Rua da Valla à Igreja, em 1903. À direita, baias da Companhia Trilhos Centrais. Fonte: VIANNA, Marisa. "...vou pra Bahia" – Cidade do Salvador em Cartões-Postais (1898-1930). Salvador: Bigraf, 2004.

Na rua da Mouraria (antiga Rua das Palmeiras), fica a **Igreja de Santo Antônio da Mouraria**, construída entre 1724 a 1726. O nome Mouraria remete à presença, em Salvador, a partir de 1718, de ciganos degredados de Portugal e alojados em acampamento na área da Palma, próximo ao antigo Quartel do 9º Batalhão. Como os ciganos eram confundidos com mouros, mesma razão da denominação do bairro da Mouraria em Lisboa, o nome que se reproduziu também em Salvador. A rua liga o antigo Quartel das Forças Armadas (atual Colégio Estadual), com o novo, na atual Praça Duque de Caxias.

Pedro Vasconcelos registra, em 1854, a construção da ladeira da Independência, continuação da Rua do Gravatá, ligando a Palma à atual Avenida Joana Angélica



Ladeira da Independência, por volta de 1930. Ao fundo o Convento de São Francisco e a Catedral Basílica.

<http://www.salvador-antiga.com/nazare/rua-independencia.htm>

A primeira irmandade com sede na igreja do Mouraria foi extinta e, em 1849, instalou-se a irmandade de Santo Antônio dos Militares. A Capela da Mouraria ficou conhecida como a Capela de Santo Antônio dos Militares ou, simplesmente, Capela dos Militares. Em 1894, foi entregue à Sociedade São Vicente de Paula, que promovia cursos de música, alfabetização e cursos profissionalizantes para meninos pobres, aprendizes e operários, com aulas diurnas e noturnas, demandando cada vez mais espaço. Entre 1901 a 1926, a igreja passou por várias reformas, incluindo a construção de um anexo, que envolveu o templo pelo lado sul e leste e a criação de um 1º andar na ala norte. No passado, a Igreja possuía uma grande área lateral e posterior, que foi desmembrada. Em 1926, mantinha ainda uma via sacra com pintura em chapa metálica sobre madeira e duas telas, a Morte do Justo e a Morte do Pecador. Preservou duas barras de azulejos, com altura de 1,90m, em toda a extensão da nave, representando cenas bíblicas.

Simultaneamente à construção da capela da Mouraria, iniciou-se a da Capela da Saúde (1723), ambas conectadas com a Rua das Trincheiras.



Na direção oposta de Santana em relação ao Campo da Pólvora, com acesso pela Avenida Joana Angélica, 79 fica o **Conjunto arquitetônico do Asilo dos Expostos**, composto pelo asilo, capela e jardim. Em Carta de 1726 a Mesa da Irmandade informa ter mandado fazer uma roda de enjeitados e em 1862 foi instalado o novo estabelecimento para abrigar os expostos menores de 16 anos que estavam no antigo recolhimento. Em 1875 foram inauguradas as novas instalações do **Asilo dos Expostos da Santa Casa da Misericórdia**, que continha a roda dos expostos, conhecida como Pupileira. Sua capela foi dedicada à Nossa Senhora das Vitórias e inaugurada em 1876.

O complexo é administrado pela Santa Casa da Misericórdia da Bahia. Funciona, no local, uma creche-escola para crianças carentes e um espaço para cerimônias de casamento, com salão de festas e amplo estacionamento.



Igreja de Nossa Senhora das Vitórias - (Capela da Pupileira da Santa Casa da Misericórdia)

Em área posterior à Pupileira, em direção ao Tororó, localiza-se o Hospital Martagão Gesteira, cuja construção foi iniciada em 1950 e inaugurada em 1965. O projeto original é do arquiteto Hélio Duarte, com claro vocabulário modernista. Implantado sobre uma grande plataforma com volumes articulados, conformando aproximadamente um “L”. O volume frontal é um paralelepípedo baixo, com dois andares. A sua fachada principal sobre pilotis e volume posterior mais alto com janelas em fita. O edifício foi totalmente desfigurado com anexos e alterações no volume original. Trata-se de um hospital pediátrico de referência, com mais de 80 mil crianças atendidas por ano.



Em direção a Nazaré, está **Convento de Santa Clara do Desterro**, o primeiro convento de freiras do país, cuja construção foi iniciada em 1681, em local onde já havia uma pequena igreja e o Hospício do Desterro. O Convento desenvolve-se em torno de dois claustros, com a igreja em um dos lados. A torre da primeira metade do séc. XVIII tem terminação bulbosa, situada no corpo que divide os claustros. O mirante – elemento comum nos conventos de religiosas – aí é empregado pela primeira vez na Bahia. A igreja, inserida no centro da composição, possui nave única, capela-mor, coro baixo e coro alto e acesso lateral, com decoração neoclássica, fruto das reformas do século XIX. No primeiro andar do convento, encontra-se a capela do Santíssimo Crucifixo dos Passos, com altar e retábulos oitocentistas. O convento possui grande quantidade de alfaia, objetos de prata e mobiliário dos séculos XVIII e XIX.

O Convento é conhecido por sua produção de licores, tradição vinda das Irmãs clarissas de Portugal. A produção acontece ao longo do ano, se intensificando no mês de junho. A Igreja do Convento de Santa Clara do Desterro é aberta todo dia 19 de cada mês e há uma lojinha com frente para a Rua Santa Clara onde os licores são vendidos.



À Av. Joana Angélica, nº 1102 (antigo 149) está o Palacete Ferraro, tombado pelo IPHAN. Trata-se de sobrado urbano do início do séc. XIX, com térreo, pavimento nobre e sótão. Como particularidade, apresenta uma pequena ala situada ao lado esquerdo do edifício com função de abrigar serviços, até então, situados fora da casa. Implantada na testada do lote, possui jardim lateral e sua fachada estrutura-se simetricamente a partir de um eixo determinado pela portada de acesso, ladeada por janelas de peitoril. No pavimento nobre, destacam-se as janelas rasgadas, protegidas por balcão corrido, no trecho central, e individual, nas extremidades.



Prédio do Instituto Normal e Capela do Sagrado Coração de Jesus, inaugurada em 1891. No prédio à esquerda, ainda funciona o Colégio do Sagrado Coração de Jesus. O prédio do Instituto Normal, à direita, abriga atualmente o Ministério Público do Estado da Bahia. A foto foi tomada da Rua da Poeira.

<http://www.salvador-antiga.com/nazare/sagrado-coracao.htm>



Ao centro, a Capela do Sagrado Coração de Jesus, inaugurada em 1891. O Colégio da Instituição funciona no prédio à esquerda, desde 1857. À direita, antiga Escola Normal, fundada em 1836.

<http://www.salvador-antiga.com/nazare/escola-normal.htm>

Assim como a demolição da Sé em 1933, no início dos anos 1930, várias demolições de imóveis no Campo da Pólvora e na Avenida Joana Angélica também concorreram para reações da cidade, resultando na Semana do Urbanismo de 1935 e nas medidas que levaram, mais tarde, à criação do EPUCS, o Escritório de Planejamento Urbano da Cidade do Salvador, inicialmente comandado pelo engenheiro sanitarista Mário Leal Ferreira (1895-1947).



Demolição dos prédios no Campo da Pólvora no ano de 1935. Fonte: Arquivo Municipal

As primeiras medidas de alargamento da Rua da Caquende datam de 1938. Mais tarde, em 1949, o Seminário de História organizado em homenagem aos 400 anos da cidade, promoveu discussões sobre o processo de desenvolvimento do estado diante da perspectiva de industrialização. Em 1951, é inaugurado o Estádio da Fonte Nova, (fora da APCP), fator de atratividade da área e demanda de melhorais na circulação.

Na sequência, iniciam-se obras mais localizadas, como as obras para facilitar o cruzamento da chamada Garganta do Caquende, o início da Avenida Joana Angélica. Em 1955, o prefeito Aristóteles Góes desapropriou um dos lados da rua e a alargou, que passou a se chamar Rua Antônio de Calmon, atualmente, continuação da Avenida Joana Angélica.



Entre 1954/55, Pedro Vasconcelos registra o alargamento da Rua do Caquende na altura do Colégio Estadual da Bahia, antigo quartel.

A primeira tentativa de construção do Fórum Ruy Barbosa aconteceu em 1923, no governo de José Joaquim Seabra, mas o projeto somente se iniciou entre 1935 e 1937, inserido no contexto de reformas que alcançam a Avenida Joana Angélica. Foi interrompido com o Estado Novo e só retomado em 1947, para inauguração em 1949. O edifício tem quatro andares e 20 mil m² de área construída. O arquiteto Diógenes Rebouças, então diretor da Comissão do Plano de Urbanismo da Cidade do Salvador, assessorou as obras. Contem cripta e o busto de Ruy Barbosa feito pelo artista plástico Mário Cravo Jr.



Área 11 - Baixa dos Sapateiros / Barroquinha

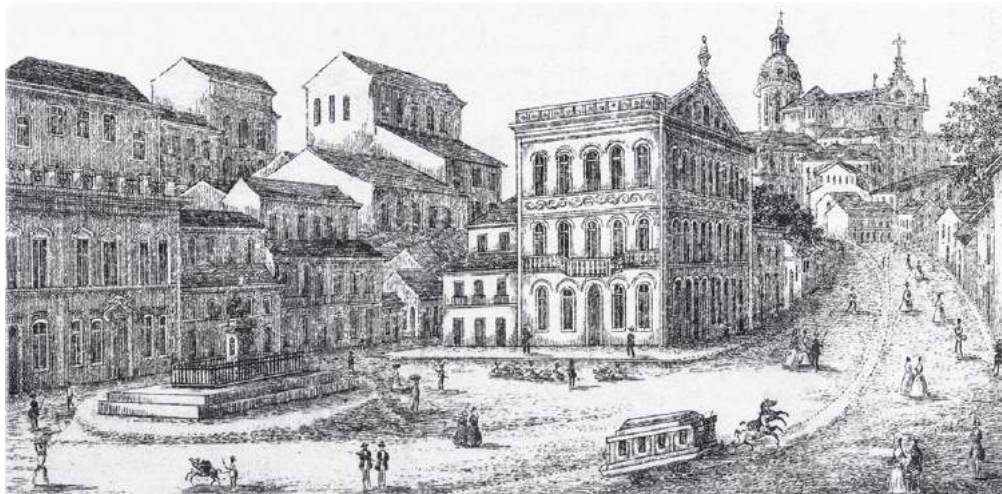
A Sub Área 11 compreende os lotes lindeiros à Avenida JJ Seabra em toda a sua extensão, da Barroquinha ao Aquidabã. Inclui também duas quadras que têm face para a JJ Seabra e para as duas laterais da Ladeira de Santana. A Avenida JJ Seabra está sendo também analisada pela UFBA/IPHAN. Os resultados dos dois estudos serão discutidos conjuntamente na fase de compatibilização dos trabalhos.

A Avenida vem passando por processo de requalificação. Todos os passeios foram recuperados, assim como parte das fachadas de particulares e alguns imóveis relevantes (a conferir, situação de rede subterrânea)



A cobertura do Rio das Tripas ocorreu de 1851 a 1860 e, em 1871, inicia-se a circulação de bondes. A Rua da Valla está registrada na Planta de AMR, de 1894, com traçado aparentemente contínuo.

O primeiro registro de uma construção nesse trecho, ainda anterior à urbanização do vale, é o da Capela de N.S de Guadalupe, construída em 1776 no local da atual Praça dos Veteranos. A Capela foi demolida em 1858, no curso dos trabalhos de urbanização.



Praça dos Veteranos, posterior à demolição da Igreja de Guadalupe e apresentando seu chafariz instalado em 1860.

Em 1910, inicia-se a execução do Plano de JJ Seabra. Em seu artigo De Vales e Valas: a Rua da Valla na Salvador do Séc. XIX, o pesquisador Daniel J, Mellado Paz chama a atenção para a importância do Rio das Tripas para a constituição da cidade do Salvador. Inicialmente como “elemento de defesa do primitivo assentamento e depois transformado em dispositivo técnico de circulação e escoamento das águas, estrutural para a cidade no momento em que esta extrapola para além de seu núcleo original”. Ao ser urbanizada, a Rua da Valla passa a conectar partes consolidadas da cidade, um momento a que o autor denomina como de “tecnificação da urbe”. A nova via articulou o núcleo da ocupação e a segunda cumeada, em especial Palma, Desterro e Saúde, antes acessados por longa volta na cota superior ou por pontilhões.



Esquema gráfico de autoria do Daniel Mellado, demonstrando o papel articulador da Rua da Valla

O pesquisador alerta ainda para aspectos que se refletem no presente: o primeiro, o grande potencial de uma via de grande extensão em cota única, o que permanece sendo uma particularidade da J J Seabra. Em seguida, registra que a avenida foi vista, inicialmente, como grande potencial de lazer, o que remete ao uso atual do espaço público. Finalmente, o fato de que, apesar das grandes transformações da cidade e de suas tecnologias, a via é, e ainda será, por muitas décadas, o principal tronco dos vários projetos de saneamento.

Somente em 1883, um serviço de combate a incêndios organizado e regularizado tornou-se disponível para Salvador, com a criação de um Corpo de Bombeiros. Em 1917, foi inaugurado o **Quartel do Corpo de Bombeiros** localizado na Praça dos Veteranos. O edifício é tombado pelo IPAC.



Caminhando no sentido Aquidabã, encontra-se o **Mercado de São Miguel**, edifício incendiado em 2017, que passa atualmente por reformas e será um centro de comércio popular, fortalecendo a vocação da via.



Imagem do projeto de reforma do Mercado de São Jose.



Bondes e marinetes, em trecho central da Baixa dos Sapateiros, próximo à Rua Frei Vicente conhecida como Ladeira de São Miguel.

O **Asilo Santa Isabel**, ou Lar Franciscano, com entrada pela R. Jogo do Lourenço, nº 22, na Saúde, foi tombado pelo IPAC em 2002 e passou recentemente por obras importantes que recuperaram o paisagismo de sua face posterior voltada para a JJ Seabra. Sua construção foi iniciada em 1848, progredindo lentamente até que, em 1860, recebeu os primeiros internos. Novas obras de restauração e projeto de nova fachada foram realizadas em 1886 e, dois anos depois, o engenheiro José Albioni foi encarregado de projetar escadaria para a Baixa dos Sapateiros.



O **Cine-Teatro Jandaia**, na esquina com a Ladeira do Alvo que conduz ao Largo da Saúde, foi o primeiro cinema da JJ Seabra, inaugurado em 1911, ainda como uma construção precária, mas substituído em 1931 por um edifício grandioso, art Deco com elementos compositivos geométricos escalonados. O Jandaia foi o primeiro cinema do nordeste e exibir filmes sonoros e recebeu artistas como Carmem Miranda, Pablo Neruda, Procópio Ferreira, Bidu Saião, Vicente Celestino e Lamartine Babo. O cinema está fechado desde os anos 1990 e, em 2015, foi tombado pelo IPAC. O processo de desapropriação pelo governo estadual está em fase de conclusão (informação a atualizar). No Dia do Patrimônio, em 2018, o cinema recebeu abraço da comunidade em ação promovida pelo IAB. Sua recuperação é crucial para a requalificação de toda a Baixa dos Sapateiros.



Comunidade abraça o Cine Jandaya, 2018

O Mercado de Santa Barbara, local do tradicional Caruru da festa de 4 de dezembro, foi recentemente restaurado e é referência importante na região. O cortejo da festa sai da Igreja do Rosário, no Pelourinho, levando a imagem de Santa Bárbara que passa em frente ao mercado dedicado à santa, hoje com acesso lateral pintado em vermelho.



Convento do Carmo visto da Baixa dos Sapateiros



Ao final da Avenida, solução de renovação com alargamento de passeios. Prédio da Igreja Universal, justaposto ao Cine Tupy, um dos cinemas de rua da Avenida, ultimamente exibindo cinema pornô

Ao final da Avenida, está o complexo formado pelo Terminal do Aquidabã e SESC/SENAI. O terminal teve grande parte de suas linhas desativadas, assim como serviços e comércio disponíveis no Complexo, apresentando hoje problemas de segurança e ocupação por população de rua. O funcionamento do Terminal se reflete diretamente no movimento comercial Baixa dos Sapateiros. (verificar situação e perspectivas)



Sub Área 12 – Castelo Branco / Aquidabã

teria sido iniciada em 1952, mas o Atlas de 1955 ainda não apresenta seu traçado.



Atlas de Salvador 1955

No Aquidabã, a avenida dá acesso ao túnel Américo Simas, que passa sob o bairro Santo Antônio, ligando a Cidade Baixa a Nazaré e ao restante da cidade. Concluído em 1969, o túnel é uma ligação viária vital para todo o sistema de circulação de Salvador.



Traçado do Túnel Américo Simas



Fotografia de 1875, obtida da Ladeira do Arco, vendo-se a Avenida J.J. Seabra, onde existiam trilhos. O atual terminal do Aquidabã fica na parte inferior, à direita. O antigo Cine Tupy é visto no centro da foto. Ao fundo, está o Convento do Carmo.



Fotografia do final da Baixa dos Sapateiros até o antigo viaduto que ligava Nazaré à Ladeira do Arco. Em primeiro plano, fica atualmente o Viaduto Marta Vasconcelos e o Terminal do Aquidabã.



Vista do Viaduto Marta Rocha, década de 1970

Em 1979, foi inaugurado o terminal de ônibus do Aquidabã, com área de 88 mil m² e cerca de 4 mil m² de área coberta, atendendo a linhas urbanas e metropolitanas, com boxes de vendas, sanitários públicos, posto policial, banco popular e telefones públicos. Alterações no sistema de transporte levaram à subutilização do equipamento, que depende atualmente da conclusão de outros investimentos para ser revitalizado (Mercado de São Miguel, Terminal da Barroquinha e requalificação da Rua Cônego Pereira, no Barbalho) ou mesmo ter nova destinação definida.

A região foi, até antes das obras de urbanização, ocupada por matadouros que alimentavam os mercados da cidade, inclusive o de Sete Portas (Sub Área 13)

A presença da Estação de Aquidabã trouxe para a área uma imagem associada à presença de sindicatos e de eventos relacionados aos movimentos sindicais e sociais, especialmente envolvendo o transporte coletivo.

Sub Área 13 – Sete Portas

A Sub Área 13 corresponde a uma franja do Bairro de Nazaré, desenvolvendo-se ao longo das Rua da Fonte das Pedras, Djalma Dutra até encontrar a JJ Seabra, na altura do Mercado das Sete Portas, e prosseguindo pela Rua Cônego Pereira em direção ao Barbalho. Trata-se de um percurso do fundos de vales que separam Nazaré do Barbalho.

A Planta de AMR registra o trecho correspondente à atual Avenida Djalma Dutra como “caminho do Dique e do Rio Vermelho”.

Pedro Vasconcelos registra a construção, em 1893, de 54 pequenas casas operárias na esquina da Rua Djalma Dutra com Rua do Sangradouro.

Já a Planta de AMR registra “Sete portas” no entroncamento do caminho do Dique (atual Djalma Dutra) com a Rua da Vala/Estrada do Cabula, o que faz crer que a nomenclatura do atual Mercado tenha vindo da antiga toponímia, e não da existência de sete portas no edifício.



Eixo da Rua Djalma Dutra, com trechos não urbanizados, e Mercado das Sete Portas ao fundo, junto à encosta. As casas operárias mencionadas por PV podem estar entre as pequenas casas mapeadas no local. Atlas 1955



Mercado das Sete Portas

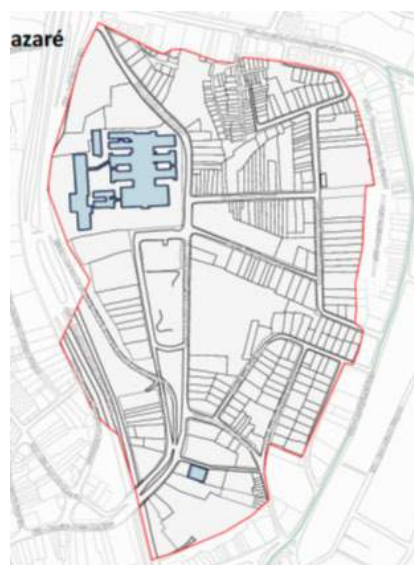
O Mercado está localizado na Rua Cônego Pereira, logradouro que separa os bairros do Barbalho e Macaúbas do Matatu. Foi construído em 1940. É um dos mercados mais tradicionais de Salvador, abriga 160 boxes vendendo verduras, frutas, folhas, pescados e carnes, bares e restaurantes de comida tradicional. Em 2016, a Câmara Municipal de Salvador fez indicação de que o Mercado das Sete Portas seja reconhecido como parte da história cultural e arquitetônica de Salvador. (desdobramentos a verificar)



Sub Área 14 - Nazaré

A Sub Área 14 corresponde ao núcleo do bairro de Nazaré, situado na colina, excluídos seus contornos localizados nos fundos de vales.

Na planta de AMR, datada de 1894, a área apresenta-se ainda muito vazia, com poucos arruamentos: a Praça de Nazaré (atual Conselheiro Almeida Couto), a Ladeira Bela Vista (atual Rua do Cabral), a Ladeira de Nazareth, hoje Rua do Hospital, e rua sem nome aos fundos da Igreja, hoje Ladeira de Nazareth são os únicos arruamentos existentes.



A **Igreja de Nossa Senhora de Nazaré** teve sua construção iniciada na primeira metade do século XVIII, segundo a inscrição indicando o ano de 1726 em sua fachada. Em 1894 foi criada a paróquia e a igreja sofre ampliação com a abertura de arcadas na nave central, emendando a nave com os corredores laterais. Na primeira metade século XX, foram acrescentadas duas torres à fachada em substituição às antigas sineiras, além de alterações nos desenhos de portas e janelas. O interior foi parcialmente mantido, com três retábulos de talha setecentista – o altar-mor, dedicado à padroeira, e dois altares do cruzeiro, dedicados à Imaculada Conceição e ao Sagrado Coração de Jesus.



<https://sanctuarial.art/2016/06/16/igreja-de-nossa-senhora-de-nazare-salvador-bahia/>



O **Solar do Barão do Rio Real**, (Praça Conselheiro Almeida Couto, com frente para a Rua Dr Colombo Spínola), bem próximo à igreja, é também uma das edificações mais antigas do bairro. Pertenceu ao Barão do Rio Real (José Dantas Itapicuru - 1798/1862). Desenvolve-se em dois pavimentos, com mirante, pequeno porão, capela e terraço. No séc. XIX, sofreu modificações, quando foi criada galeria envidraçada ao fundo. No lado direito da casa estava a cocheira, com cobertura em abóboda de berço. O imóvel foi pousada dos padres da Congregação das Missões, colégio e Escola Técnica. A recente demolição de um edifício vizinho para construção de estacionamento que atende ao hospital Santa Luzia trouxe riscos à estabilidade do Solar, além de supressão da antiga cocheira.



A **Praça Almeida Couto** é o elemento estruturante do bairro, tanto simbólica quanto funcionalmente. Presente desde a conformação mais remota do arruamento, está no eixo que articula o centro da cidade à sua área norte, no sentido do Barbalho. Pelo Vale de Nazaré liga-se com o centro da cidade através da Av. J.J. Seabra, assim como pelas avenidas Bonocô, Fonte Nova/Dique do Tororó. Pela Djalma Dutra liga-se com os bairros da terceira cumeada. Essa localização estratégica explica também a localização do complexo hospitalar e educacional que ali se formou.

Seu primeiro agenciamento como praça é de 1923, organizada por eixo longitudinal partindo do pórtico da fachada principal do Hospital da Misericórdia, desenvolvendo-se no sentido da Igreja N. S. de Nazareth e circulação de entorno.

Entre os anos 1940 e 1950, parte da Praça deu lugar à Biblioteca Monteiro Lobato, que se instalou no seu limite norte. Entre 1950 e 1960 a antiga edificação é substituída pela atual, um edifício moderno de dois pavimentos, posicionado de costas para a praça.



Esquema gráfico elaborado por Solange Souza Araújo para tese de doutorado Tipomorfologia das Praças e Largos de Salvador. Intervenções em espaços do centro antigo (1980-2005). Mostra os usos do entorno da praça em 2005.



Jardim de Nazaré na década de 1940. A Igreja de Nazaré, à esquerda, já está com torres, que não existiam no início do século 20. <http://www.salvador-antiga.com/nazare/nazare-antiga.htm>



Jardim de Nazaré, por volta de 1920. Ao fundo, Hospital Santa Izabel, inaugurado em 1893

Os edifícios mais antigos (séc XIX e início do XX) organizam-se em torno da Praça: Hospital Santa Izabel, Igreja, Colégio Salesiano e Igreja de N S Auxiliadora, além dos Hospitais: Santa Luzia, Naval, Maternidade Climério de Oliveira e Sanatório Manoel Vitorino.

A implantação das edificações nos terrenos voltados para a Praça ainda mantém, em poucos locais, os traços originais: recuos frontais e laterais, formando pequenos jardins. A verticalização do bairro se intensificou com a construção das avenidas de fundo de vale e passagem subterrânea para o vale, ampliando a acessibilidade ao local. A legislação que permitia a verticalização do bairro foi alterada. As antigas residências, quando mantidas, vêm sendo ocupadas sobretudo por serviços, o que favorece também ao uso desastroso de engenhos publicitários.



Casas do Jardim de Nazaré por volta de 1930, demolidas. Ao fundo, o atual Hospital Professor Carvalho Luz e parte do Hospital Santa Izabel.
<http://www.salvador-antiga.com/nazare/casas-antigas.htm>



Casas ainda remanescentes, análogas às mostradas na fotografia de 1930

Fundado em 1549, como Hospital da Caridade, o atual edifício do **Hospital Santa Izabel**, localizado na Praça Almeida Couto, teve sua primeira pedra lançada em 1828, mas as obras foram interrompidas um ano depois. Em 1884, as obras são retomadas e o hospital inaugurado em 1893. Foi tombado pelo IPAC em 1984. Está registrado na Planta AMR como Hospital da Misericórdia e sua rua de acesso denominada como Ladeira de Nazareth. O edifício está organizado em torno de eixo que atravessa a entrada principal e pátios internos, tendo como imagem mais marcante a do pórtico avançado na entrada, ornado por colunas com cariátides. Os pátios são arborizados, visíveis da rua por meio de grades e portão central em ferro.



<http://www.salvador-antiga.com/nazare/hospital.htm>



Outros hospitais são o antigo Hospital Naval, atual Professor Carvalho Luz, uma construção eclética da primeira metade do século XX, localizado ao lado do Santa Izabel. Também o Hospital Santa Luzia se localiza na Praça, arquitetura contemporânea. Outros hospitais, também do início do século XX, não estão diretamente voltados para a Praça.

Em 1897, Nazaré foi o local escolhido para sediar a primeira sede dos Salesianos recém-chegados à Bahia. Em 1900, é inaugurado o **Liceu Salesiano do Salvador**. A Igreja, cuja devoção é a **N. Sra. Auxiliadora**, foi construída ao lado do Liceu e consagrada em 1938, mas as obras continuaram até 1955. O Colégio apresenta características dos edifícios das primeiras décadas do século XX, com colunas duplas no vão de acesso principal, marcações que destacam os pavimentos e cornijas. O antigo cinema do bairro foi incorporado como teatro do colégio.



A **Biblioteca Monteiro Lobato**, hoje fechada por grades para a Praça, está em atividade há quase setenta anos. É especializada no público infanto-juvenil, reúne aproximadamente 30 mil livros e atrai cerca de 800 visitantes/mês, extrapolando o público do bairro.



Localizada na confluência entre a Ladeira da Fonte das Pedras e a Av. Vasco da Gama, está a **Fonte das Pedras**, cuja data de construção não é precisa. É frequentemente utilizada para lavar automóveis. Foi tombada pelo IPAC em 1984



Sub Área 15 – Saúde

A Sub Área 15 coincide com a colina onde se assenta o bairro da Saúde, excluídos os lotes voltados para os fundos de vale que o contornam, quais sejam, a Av. JJ Seabra e lotes lindeiros (Sub Área 11); a Av. Castelo Branco (Sub Área 12) e o pequeno largo de acesso ao bairro formado pela Av. Joana Angélica/Rua da Poeira. (Sub Área 10). Originário do século XVII, quando da presença dos holandeses em Salvador, o bairro da Saúde situa-se em uma das cumeadas mais altas da cidade e foi o primeiro a se desenvolver na direção oposta à Baía de Todos os Santos.

Segundo estudo UFBA/CEAB e Fundação Gregório de Mattos, em torno de 1650, os sítios da Palma, Desterro e Saúde já apresentam aglomerações, sinalizando os vetores de desenvolvimento



Evolução Física de Salvador, em 1650. Fonte: Evolução Física de Salvador (UFBA/CEAB; Fundação Gregório de Mattos, 1998).

O bairro tem o nome da padroeira da sua principal Igreja, **Nossa Senhora da Saúde e Glória**, inaugurada em 1724, cujo largo corresponde ao ponto mais alto do bairro, local antigamente conhecido como Alvo, a partir do qual os terrenos caem em direção aos vales.

Teve construção iniciada em 1723 e em 1724, foi celebrada a 1ª missa. O edifício é de notável valor arquitetônico, com elementos barrocos, rococós e, no seu interior, neoclássicos. Possui frontispício rococó tardio e terminações das torres em forma de pera embrechada de louça, apoiada sobre cornijas arqueadas. Tem nave única, com corredores laterais e tribunas sobrepostas. Como outras igrejas baianas, se inscreve num retângulo perfeito, a exemplo das igrejas de São Francisco de Paula, São Bartolomeu de Pirajá, Afritos.

Possui na nave um dos primeiros tetos de concepção ilusionista barroca realizados na Bahia, intitulado “A Assunção de Nossa Senhora”, pintado por Domingos da Costa Filgueira. Possui altares em estilo neoclássico. O retábulo tem frontão curvo e cúpula bulbosa, sustentado por oito colunas. Na parte baixa das paredes laterais da nave e capela-mor há painéis de azulejos datados da transição do século XVIII para o XIX, de autoria de Francisco de Paula Oliveira.



É tombada pelo IPHAN e pelo IPAC. Foi restaurada a partir de 2012, com obras de mais de três anos de duração.

Em meados do século XIX, instala-se no bairro o conjunto, hoje tombado pelo IPAC, de **Casa da Providência, Capela e Pavilhão**. A Casa da Providencia foi fundada pela Associação das Senhoras de Caridade em 1855, teve sua primeira sede na Baixa dos Sapateiros e foi transferida para a Saúde em 1866 para abrigar irmãs de caridade até então morando no Asilo dos Expostos. Abaixo, imagem do século XIX, tomada a partir do Vale de Nazaré.



No século XIX, a Saúde tornou-se lugar de morada da elite econômica e intelectual da cidade. A maioria das casas remanescentes data desse período, com exemplares tombados pelo IPAC. A toponímia das ruas guarda relação com antigos moradores e práticas: o Beco da Agonia, a rua do Godinho, rua do Alvo; a rua do Jogo do Carneiro.

Em meados do século XX, quando a cidade se expande para a Orla Atlântica, o perfil de ocupação do bairro começa a mudar. A partir da década de 1990, com as grandes intervenções no centro histórico, locais como a Baixa dos Sapateiros e parte dos bairros da Saúde e do Barbalho passaram a receber ex-moradores das áreas reformadas, ocupando casas de cômodos, cortiços e ruínas, além de pessoas

em situação de rua e ocupações de sem-teto.

O sistema viário interno não apresenta nenhuma via cruzando o bairro. Apenas duas ruas - Jogo do Carneiro e Rua do Alvo - tem percursos mais longos, partindo das vias circundantes em direção ao largo da Igreja da Saúde, sem, no entanto, cortá-lo diretamente. O restante do arruamento é estreito, muitas vezes conduzindo estritamente às casas e sem saída. Essa conformação cria um ambiente intimista, que seguramente favorece às relações de convívio e vizinhança, contribuindo para a manutenção de laços de sociabilidade entre os moradores, como em uma pequena cidade do interior. O traçado inibe a circulação de automóveis no interior do bairro, situação dificultada também pelas limitações à abertura de garagens nas casas, gerando acúmulo de carros estacionados nas vias. Os ônibus ficam restritos às vias de contorno. Percursos a pé são relevantes, ainda que haja trechos bastante íngremes.

Exceto por uma “franja” viária que interliga a Saúde com a Av. Joana Angélica, observa-se um nítido predomínio do uso residencial na maior parte dos logradouros do bairro. A predominância de moradores proprietários imprime certa estabilidade ao bairro, com poucos negócios imobiliários e poucas alterações no seu interior. Há movimento mais recente de adaptação de casas para pousadas.

As festas juninas, os blocos de carnaval, as festas na quadra e no Largo da Saúde e culinária tradicional são marcantes no bairro.



Os outros bens tombados no bairro são duas casas, uma à Rua Jenipapeiro e outra na Rua Felipe Camarão.

A **Casa à Rua do Jenipapeiro, nº 27** foi construída, segundo inscrição no jardim, em 1861. Passou por vários proprietários e sediou o Colégio Carneiro Ribeiro até 1912. A partir de 1914, sofreu alterações significativas e entre 1954/1967 funcionou como sede da Escola Ana Néri. É tombada pelo IPAC.



A **Casa à Rua Felipe Camarão 34** é uma casa urbana de porão alto com jardim lateral, implantada no alinhamento da rua. Não se conhece sua data da construção, mas tem características da segunda metade do século XIX. Há informação de ter sido residência do Dr. Ernesto Simões Filho. O imóvel foi recuperado em 1985. Conforme a vistoria de 2003, o anexo no fundo do quintal foi acrescido de mais um pavimento com um vão para a escada lateral de acesso, em concreto armado. Hoje funciona na casa o Coro de Câmara Barroco da Bahia.





Vistas da Saúde para a Baixa dos Sapateiros e Centro Histórico



Sub Área 16 – Fundos do Santo Antônio

A Sub Área 16 corresponde à encosta aos fundos do Santo Antônio, voltada para a Av. JJ Seabra, por meio da Travessa do Aquidabã, e para o Barbalho. O miolo da área, desocupado na Planta AMR, corresponde ao talvegue onde se implantou a Av. Castelo Branco e o Túnel Américo Simas. A Rua dos Adobes, Rua dos Perdões, Rua Siqueira Campos (Rua dos Curraes Novos, conforme Planta AMR) estruturam a área no século XIX. Em 1871, é aberta a Rua do Aquidabã, ligando o Santo Antônio à Baixa dos Sapateiros.



Fotografia aérea de 1923, com igreja de Santo Antônio ao centro

A **Igreja dos 15 Mistérios** começou a ser construída em 1829 e a partir de 1852 passou a abrigar também a irmandade de N. S. da Soledade. No local em que foi construída existiam, primitivamente, trincheiras de defesa da cidade, escavadas no vice reinado de Pedro Antônio de Menezes. A capela nunca chegou a ser concluída. Sua concepção inicial previa duas torres bulbosas e frontão rococó tardio, além de corredores laterais superpostos por tribunas, que chegaram a ser executadas, mas foram entaipadas. Tem fachada com frontão clássico e decoração neoclássica no interior.

A Procissão do Encontro, promovida pela Paróquia de Santo Antônio Além do Carmo e pela Ordem 3ª de N. S. da Conceição do Boqueirão, começa com missa campal, em frente à Igreja dos 15 Mistérios e prossegue pelas ruas do bairro. As imagens de N. S. das Dores e de Nosso Senhor dos Passos saem, respectivamente, da Igreja de Nossa Senhora do Boqueirão e da Igreja dos 15 Mistérios e se encontram na Igreja de Santo Antônio



Área utilizada para estacionamento junto à Igreja foi agenciada para a criação de uma pequena praça de 300 m2, com brinquedos para crianças, mesa de jogos, aparelhos de saúde e ginástica, bancos de concreto, além de rampa de acessibilidade, paisagismo, iluminação e comunicação visual.

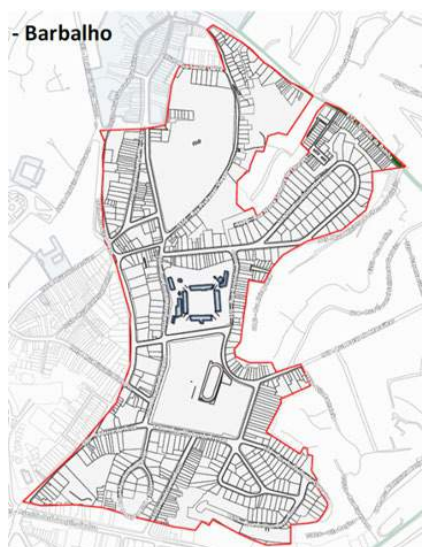
É tombada pelo IPAC a **Casa nº 33 da Ladeira do Arco**. O imóvel está recuado em relação à rua, precedido de jardim e envolvido por grande área verde. A data de 1851 assinalada na fachada provavelmente refere-se à sua construção. Há indícios de ter sido modificado no final do século XIX, quando foi acrescida platibanda. A casa foi recentemente restaurada.



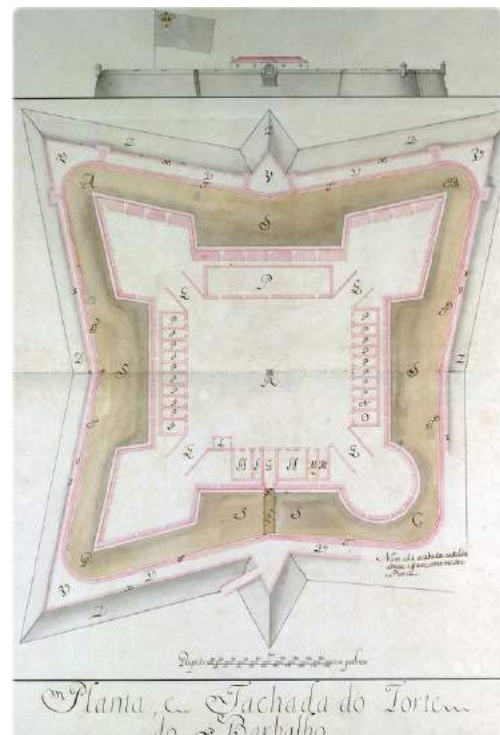
FOTOGRAFIA A SUBSTITUIR

Sub Area 17 Barbalho

A Sub Área 17 corresponde às áreas adjacentes ao Forte no bairro do Barbalho. A Planta AMR mostra poucas ruas com traçado definido até o final do século XIX: a Rua do Barbalho, atual Edmundo dos Santos; a Ladeira do Barbalho, atual Rua do Arco; a Ladeira dos Artistas, atual Ladeira do Funil; a Rua do Curraes atual, Siqueira Campos. Os grandes vazios existentes até esse período são preenchidos por novos parcelamentos ou pelo grande complexo educacional. O bairro tem fácil acesso ao terminal do Aquidabã, às Sete Portas, a Nazaré e ao Pelourinho, o que representa boa acessibilidade e grande oferta de linhas de ônibus.



O **Forte do Barbalho**, construído entre 1638 e 1736, é o primeiro marco da ocupação da região do Barbalho e um dos principais baluartes para expulsão dos holandeses. De 1885 a 1892, funcionou como enfermaria durante a epidemia de varíola; em 1912, quando abrigava também o 49º de infantaria, de Pernambuco, foi usado no Bombardeio de Salvador; em 1917, durante a 1ª Guerra Mundial, abrigou marinheiros e oficiais alemães dos navios ancorados no porto e ocupados pelo Brasil; nos anos 1970, abrigou um centro de tortura da Ditadura Militar e, a partir de 2006, passou a ser utilizado para atividades culturais. O Forte foi tombado pelo Iphan, em 1957.



Planta e Fachada do Forte do Barbalho, publicada por volta de 1762. Fonte: acervo do Arquivo Histórico Ultramarino, Portugal. <http://www.salvador-turismo.com/barbalho/forte.htm>

Entre 1936 e 1939, foi desenvolvido o projeto do Instituto Normal da Bahia, mais tarde **ICEIA (Instituto Central de Educação Isaías Alves)**, situado na Praça do Barbalho, s/nº. O Projeto é, segundo Paulo Ormino de Azevedo, de autoria do mesmo autor do Instituto do Cacau, o arquiteto alemão Alexander Buddeüs. Segundo Paulo Ormino, a construção de uma nova escola fazia parte do projeto de modernização da Bahia empreendido pelo Interventor Federal Juracy Magalhães, com grande impacto “em uma cidade ainda colonial, constituída por sobrados e casinhas de uma porta e duas janelas”.

<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.081/268>



O teatro do ICEIA, com 1300 lugares, foi, quando inaugurado, o maior Teatro de Salvador

“A articulação de volumes puristas brancos, de diferentes tamanhos, como a própria sede do Bauhaus em Dessau, de Gropius”, presente no ICEIA, faz com que Paulo Ormino inscreva o projeto do ICEIA em uma nova fase da arquitetura de Buddeüs em relação ao Instituto do Cacau. O elemento comum entre os dois projetos seria o Teatro do Instituto do Cacau, especialmente pelo esquema compositivo das fachadas principais de ambos.

O ICEIA é atualmente o Centro Estadual de Educação Profissional (CEEP) em Apoio Educacional e Tecnologia da Informação Isaías Alves. O edifício foi recentemente reformado pelo governo estadual.



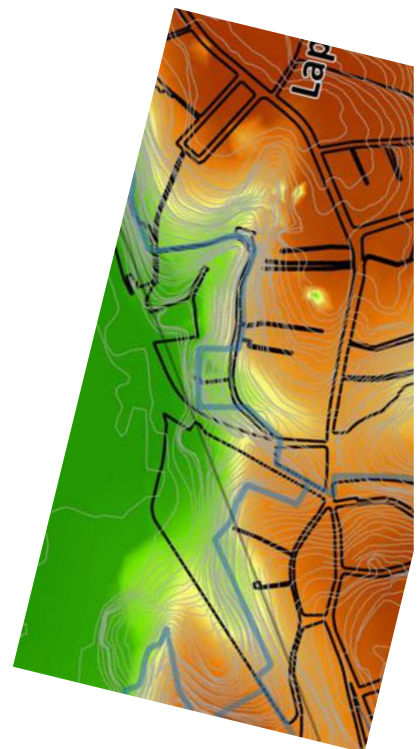
O período de modernização ocorrido no bairro no início do século XX refletiu-se também em novo perfil de construção (casas de mais de um pavimento) e na chegada de segmentos da classe média para morar no bairro. Exemplo desse perfil é a região conhecida como Lanat, que tem entrada única pela Rua Aristides Ático, uma rua circular, calma. Predominam prédios de três pavimentos, com padrão construtivo e de renda mais alto que a média do bairro. O bairro Jardim Esperança apresenta padrão semelhante

O Barbalho é um importante polo educacional, aglutinando cerca de 10 mil alunos da rede pública. Instituto Federal, Centro Estadual de Educação Profissional, Escola de 1º Grau Getúlio Vargas e Colégio Estadual Professora Suzana Imbassahy. Em razão desse fluxo, estabeleceu-se um forte comércio relacionado à presença das instituições de ensino.

O Barbalho está inserido no circuito cívico das festas do 2 de Julho. Na Rua São José de Baixo passa o cortejo do caboclo e da cabocla, que sai do bairro da Lapinha a caminho do Campo Grande.

Sub Área 18 Soledade

A Sub Área 18 tem como eixo as ruas São José de Baixo e São Jose de Cima, que convergem para a Ladeira da Soledade, até alcançar o Largo da Lapinha. Limita-se aos imóveis voltados para essas vias. Localiza-se a montante do segundo trecho da falésia e é cortada, em desnível, com Via Expressa Baía de Todos os Santos, coincidente com a antiga Estrada da Rainha. Partindo do Largo da Lapinha, a antiga ladeira de São Francisco de Paula, hoje sem tráfego de veículos, também faz a conexão da Sub Área com a região do Comércio.





Sub área 18 em Planta de 1955



Túneis Via Expressa Portuária. Em destaque o Solar Bandeira

Fonte: OLIVEIRA, Lorene Pauline Lopes. Dissertação de mestrado Projeto de Intervenção no Solar Bandeira. Salvador 2016



Vista da Avenida França para o frontispício, em destaque o adensamento da encosta.

No início do século XVIII, as primeiras moradias se instalam nas proximidades do Convento da Soledade, local favorecido pela facilidade de abastecimento de água nas proximidades da Fonte do Queimado. Esse era o caminho ligava a zona dos Currais Velhos (Barbalho) à Estrada das Boiadas (Estrada da Liberdade) e é até hoje um acesso estruturante no mesmo sentido. A ocupação se consolida na transição para o século XIX e, ao longo do século XX, o conjunto, antes residencial, começa a receber instituições de ensino e comércios locais. A situação de conservação da Sub Área 18 é atualmente das mais complexas encontradas na APCP de Salvador, como se descreverá detalhe adiante.

A primitiva capela de Nossa Senhora da Soledade já existia em 1711, erguida por particulares e administrada por uma confraria. O **Convento de Nossa Senhora da Soledade** foi inaugurado em 1739. Inicialmente, o conjunto incluía um recolhimento para moças pobres e uma casa religiosa da Ordem das Ursulinas do Sagrado Coração de Jesus. A Igreja possui nave única, corredores laterais e sacristia. A torre recuada é do século XVIII. A fachada atual é provavelmente do século XIX, com modificações no século XX. Existe também um santuário fora da Igreja. Ao fundo do Convento, ficam as áreas verdes do Vale do Queimado.

O **Colégio Nossa Senhora da Soledade**, dirigido pelas Ursulinas, instituiu o curso primário em 1896. Atualmente inclui educação infantil, fundamental e médio. As instalações foram ampliadas no século 20.





Vista do lago da antiga Companhia de Água do Queimado, em fotografia de Guilherme Gaensly, cerca de 1880.
Vê-se também, o Convento da Soledade e a atual Capela de São José



O Convento da Soledade visto da Estrada da Rainha. Cerca de 1911.
<http://www.salvador-turismo.com/soledade/antiga.htm>



Largo da Soledade, quando era chamado de Praça da Liberdade. Ao centro, o monumento à Liberdade, onde atualmente está o monumento a Maria Quitéria. O Convento da Soledade está à direita.



Postal do Largo da Soledade por volta dos anos 1920. No centro está o antigo monumento à Liberdade. Ao fundo, as caixas d'água do sistema do Queimado.

Em 1981, o IPAC tombou o **Conjunto Arquitetônico e Urbanístico da Soledade**.



<http://www.salvador-antiga.com/soledade/largo-soledade.htm>

Em 1966, quando se sua missão ao Brasil a serviço da UNESCO, o especialista do ICOMOS, Michel Parent, assim descreve o conjunto:

[...] o conjunto de casas da rua Augusto Guimarães (Soledade), do lado par, do número 126 ao número 158, constitui um grupo excepcional de construções, geralmente residências aristocráticas cujas fachadas do lado oposto à rua dominam jardins em terraço voltados para a baía. Muitas dessas casas são cobertas de azulejos. Pode-se até mesmo encontrar vestígios da decoração de azulejos do jardim e dos terraços do suntuoso sobrado de Pedro Rodrigues Bandeira (n. 126), casa cujo interior está dividido em uma dezena de apartamentos distintos, mas que conservou sua luxuosa decoração interna. Não há dúvida de que a renovação do bairro da Soledade, considerando a localização de seus imóveis, seria particularmente rentável, e poderia ser dedicada à residência e à estada turística de longa duração.

A sugestão de Parent é compatível com os objetivos de sua missão que, à época, visava aproximar a proteção do patrimônio do turismo, o que, segundo alguns especialistas, influenciou na concepção do PCH, o Programa de Cidades Históricas, um marco na história do IPHAN.

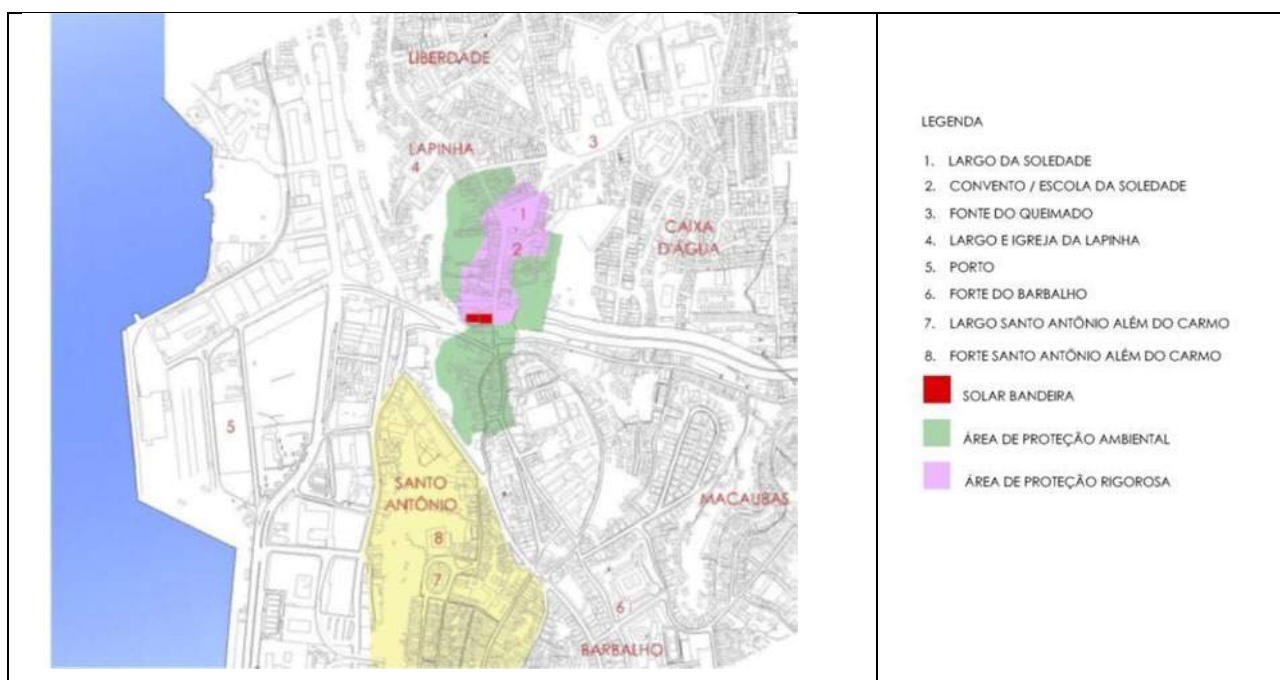
Entre as edificações do Conjunto, destaca-se o **Solar Bandeira**, construído na segunda metade do século XVIII, pelo senhor de engenho Pedro Rodrigues Bandeira, um dos introdutores da navegação a vapor na Bahia e um dos financiadores do movimento da Independência da Bahia. Segundo Frederico Mendonça, em texto para o infocultural.com.br, 2010, “A concepção da fachada principal e o jardim voltado para a Baía de Todos os Santos eram reconhecidos como uma das áreas mais aprazíveis por diversos estrangeiros que visitavam a capital nos séculos XVIII e XIX. [...] o jardim do Solar Bandeira chegou a ser classificado de “maravilha e orgulho da Bahia”.



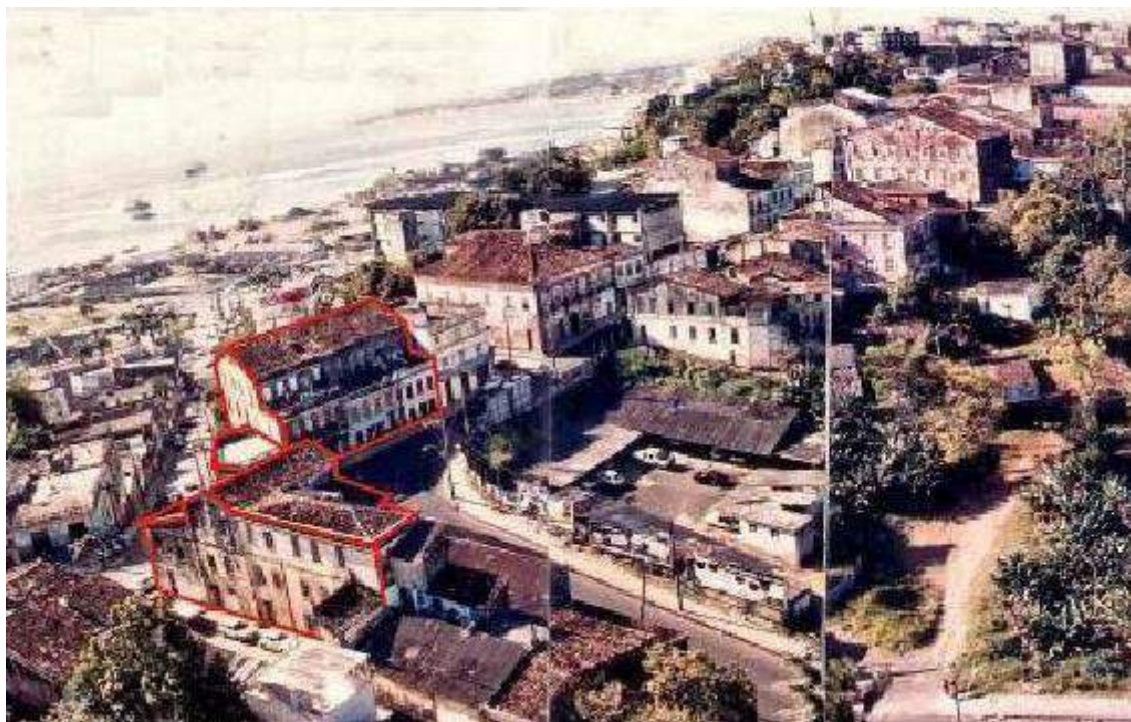
O estado conservação do Conjunto da Soledade é complexo e desafiador por envolver grande número de imóveis vazios e em ruína e, em especial, pela situação topográfica desses imóveis, a montante da falésia, em áreas de instabilidade geológica e grande impacto paisagístico.

A dissertação de mestrado Projeto de Intervenção no Solar Bandeira, apresentada por Lorene Pauline Lopes Oliveira ao CECRE em 2016, oferece valiosa contribuição aos estudos sobre a área, parte deles aqui reproduzidos. A Dissertação, por sua vez, remete ao Dossiê da Soledade, diagnóstico e proposta de intervenção. Convênio IPAC/UFBA – 2011, seguramente uma fonte essencial à fase de proposições a ser desenvolvida.

O Dossiê sugere perímetros de proteção da área, como a seguir



Fonte: Dossiê da Soledade, diagnóstico e proposta de intervenção. Convênio IPAC/UFBA - 2011



Fotomontagem da vista aérea da Ladeira da Soledade, destacados alguns imóveis ainda íntegros em 1988 e hoje em processo de arruinamento. Observa-se que em frente ao Solar Bandeira já não existem mais os Sobrados. **Fonte:** Dossiê da Soledade – Diagnóstico e proposta de preservação Convênio IPAC/UFBA – 2011

Na altura da Soledade, a ocupação da encosta tem um dos seus pontos mais grave na **Vila de Lourdes**, assentamento precário formado a partir da junção de fundos dos lotes voltados para a Ladeira da Soledade. Segundo o IPAC, a Vila possui cerca de 400 moradores e tem entrada pelos casarões 131 e 133 na Ladeira. Além da situação de risco em razão da declividade, a ocupação tem impacto visual relevante sobre a áreas verdes da escarpa, alterando a paisagem vista da Baía de Todos os Santos. Em 2011, o governo estadual investiu R\$ 1,2 milhão na estabilização de duas casas e na construção de escada com rampa em estrutura metálica de oito metros de altura para acesso seguro aos moradores,

O processo de arruinamento do bairro prossegue. Em abril de 2017, uma casa do conjunto desabou sobre a casa vizinha causando três mortes:



Casa arruinada e situação em 2019. Observar que o imóvel vizinho do lado oposto é a Escola Estadual Carneiro Ribeiro, o que poderia ter representado consequências ainda mais graves quando do arruinamento

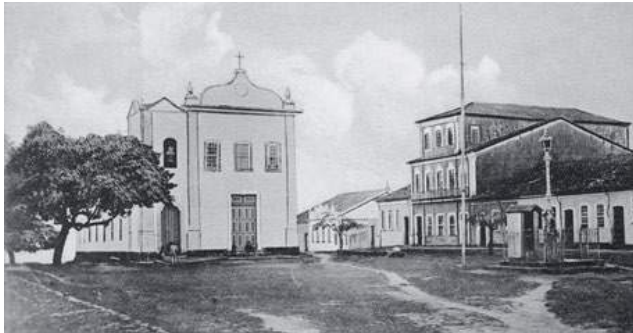
Observam-se no conjunto muitos investimentos públicos na consolidação de ruínas.



No entanto, a imagem a seguir deixa perguntas sobre a atuação governamental: na mesma foto, recursos públicos consolidam fachada em ruínas e um particular constrói edificação volumosa justaposta à parede do Convento sem, aparentemente, ter havido controle, ou, se houve, não ter havido efetividade da fiscalização.



Entre a Soledade e a Liberdade está o **Largo da Lapinha**, onde se localiza a **Igreja da Lapinha**, fundada em 1771. O largo situa-se em cota bem superior, o que faz de sua área posterior um mirante para a baía de Todos os Santos, por onde se tem acesso para a Ladeira de São Francisco de Paula



Largo da Lapinha, no início do século 20.

<http://www.salvador-antiga.com/lapinha/igreja-antiga.htm>



Largo da Lapinha na década de 1960

<http://classicalargo-da-Lapinha-emibuses.blogspot.com/2014/12/salvador-em-1960.html>



Largo da Lapinha em 2019

A **igreja da Lapinha** foi reformada e ampliada no início do século XX e recebeu decoração mourisca no interior.



Situa-se também no Largo o **Pavilhão Dois de Julho**, onde desde 1923 ficam guardados os carros do Caboclo e da Cabocla da festa da independência da Bahia. O pavilhão foi inaugurado por iniciativa do Instituto Geográfico e Histórico.



Pavilhão Dois de Julho, no largo da Lapinha

Aos fundos da Igreja fica construção com anúncio de cervejaria e denominação de “Belvedere da Lapinha”. Por portão lateral se tem acesso de pedestres à Ladeira de São Francisco de Paula, que leva à Igreja de mesmo nome em Água de Meninos. A pesquisa de campo não incluiu a ladeira. O Google Maps informa a existência, na Ladeira, com acesso pelo Belvedere, do **terreiro Ilê Axé Oyá Omim Igbalé**. (Verificar informação e a existência de medidas de proteção)



A ladeira que liga a Igreja da Lapinha à Igreja de São Francisco de Paula está retratada pela iconografia de Salvador. Este trecho da paisagem da falésia parece irrecuperável pelo grande volume de assentamentos: vilas Graciosa, Lourdes, Wlisséia e Vista Mar.



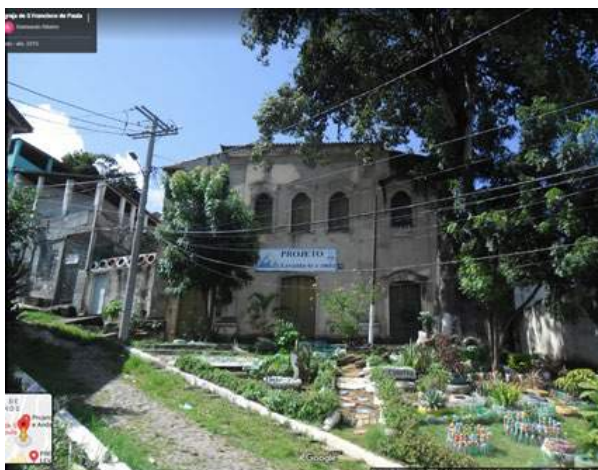
Ilustração com título Vista da Cidade de S. Salvador na Bahia de Todos os Santos. Entre 1822 a 1830



Cartão postal de 1939. Antiga praia de Água de Meninos. À direita, a ladeira de São Francisco de Paula, com sua Igreja

<http://www.salvador-antiga.com/lapinha/antigas.htm>

A **Igreja de São Francisco de Paula**, ao sopé da ladeira, é hoje a sede do *Projeto Levanta-te*, da ASA – Ação Social Arquidiocesana. Funciona como Centro de Convivência Diurno para pessoas vitimadas pela total exclusão. A igreja é uma construção do final do século XVIII, inacabada e parcialmente arruinada. No início do século XIX, foi abandonada e assumida pela Fazenda Nacional, que a cedeu à confraria de N. S. Mãe dos Pobres. Criou-se, pouco depois, a Irmandade de S. Francisco de Paula. <http://www.salvador-turismo.com/agua-meninos/igreja-sao-francisco-paula.htm>



A Soledade, a Lapinha e a Liberdade são lugares de duas das maiores festas populares de Salvador, sem considerar o carnaval. A **Festa de Reis da Lapinha**, que tem início na Capela de Santa Bárbara, na Liberdade, e o **Cortejo de Dois de Julho**, inscrito no Livro Especial dos Eventos e Celebrações da Bahia, desde 2006.

A **Festa da Lapinha** simboliza a visita dos Reis Magos ao Menino Jesus. Acontece no dia 6 de janeiro, com celebração de missas, visitação ao presépio no interior da Igreja, festa de Largo e apresentação de “Ternos de Reis”. Além do presépio vivo, abordando temas sociais diversos, são armadas barracas para a comercialização de bebidas e comidas típicas.



Foto: Mateus Pereira



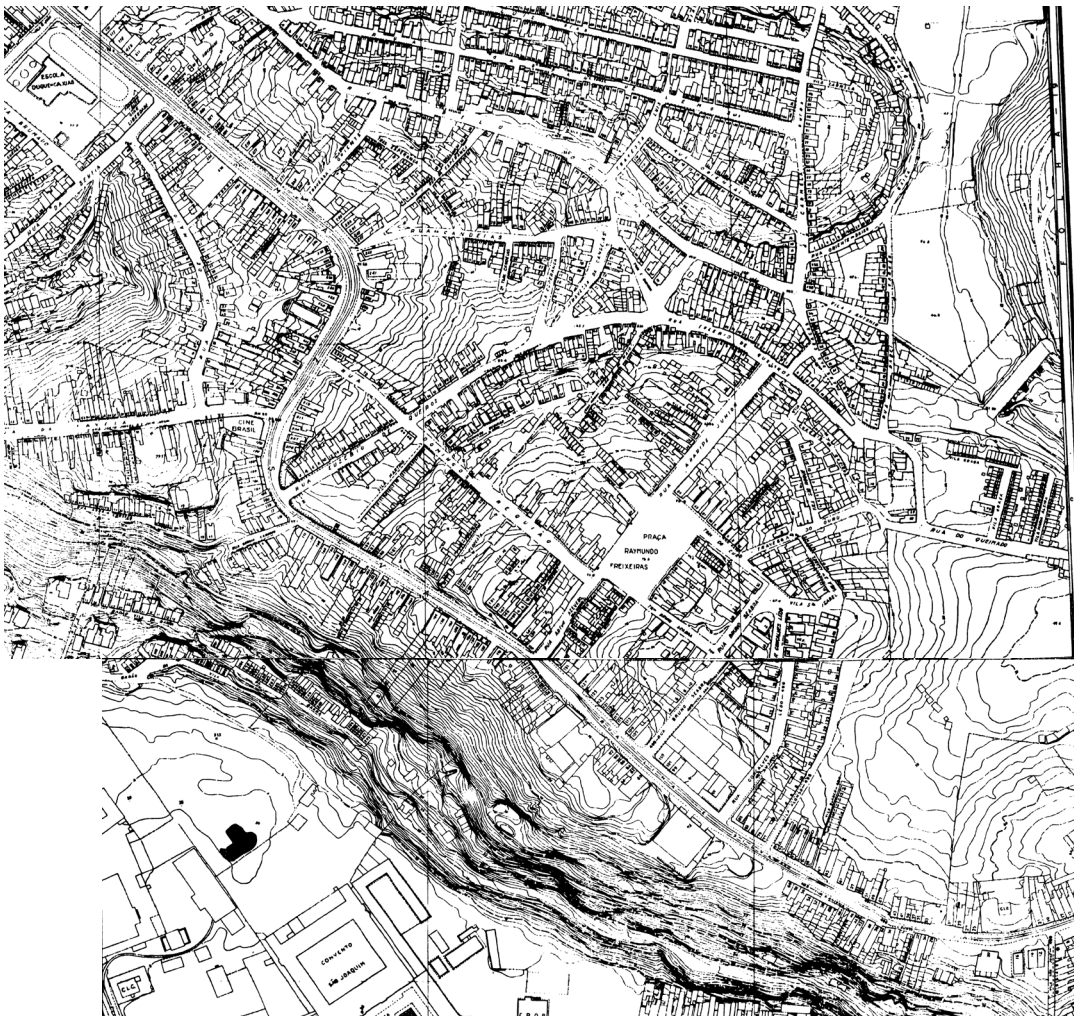
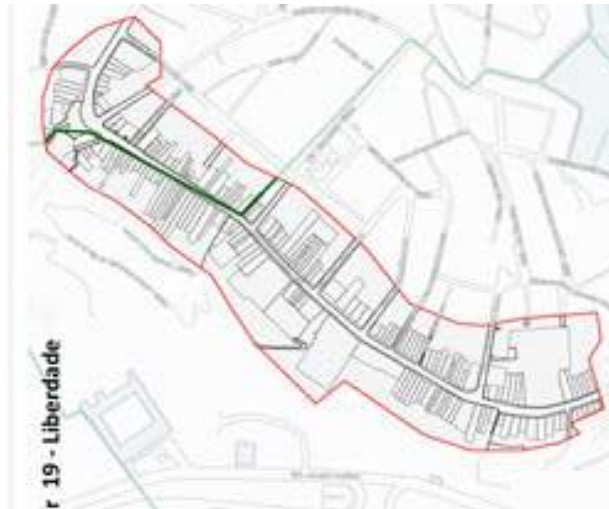
Ilustração do desfile de Dois de Julho de 1866, de Gavarni, para o L'Illustration Journal Universel, A cena se passa na descida da Ladeira da Soledade, vendo-se parte da lateral Convento.



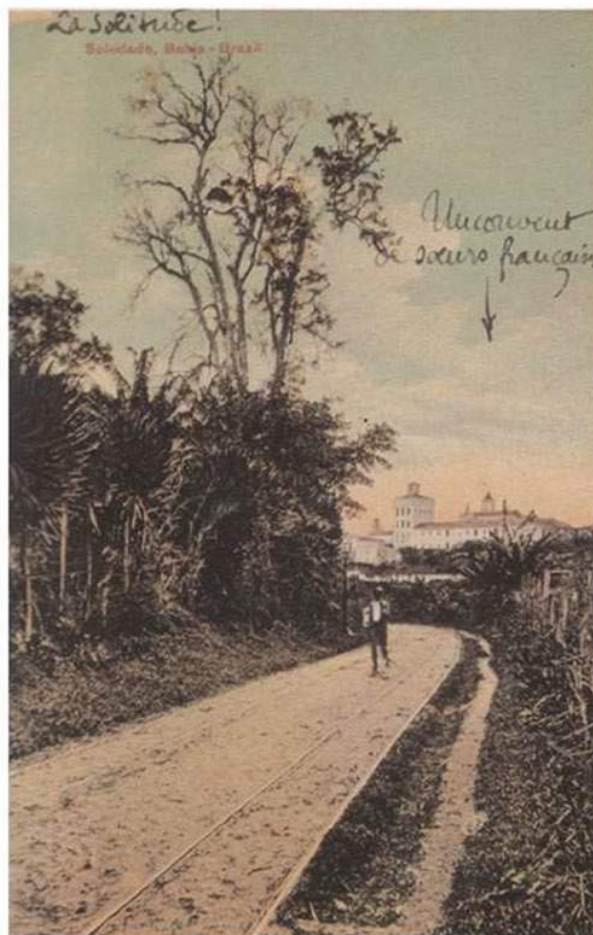
https://www.bnews.com.br/noticias/principal/2-de-julho/239605_publico-e-autoridades-se-reunem-no-largo-da-lapinha-para-inicio-do-desfile-civico.html

Sub Area 19 – Liberdade

A Sub Área 19 acompanha a Estrada da Liberdade, do Largo da Lapinha até o Plano Inclinado Liberdade-Calçada.



A Estrada da Liberdade corresponde à antiga Estrada das Boiadas, por onde, em 1823, entraram vitoriosas as tropas que lutaram pela Independência da Bahia.



Estrada da Rainha, com seus trilhos de bonde. Ao fundo, a Igreja e Convento de Nossa Senhora da Soledade. Postal da Coleção Ewald Hackler, 1911.
Fonte: Daniel J. Mellado Paz. De Vales e Valas: a Rua da Valla na Salvador do Séc. XIX. Salvador, 2018

O povoamento da Liberdade se deu após a abolição da escravidão, com a ida de ex-escravos para o local. Tal afluxo foi favorecido pelo loteamento e venda de chácaras, estimulados pelas boas condições de acesso a partir do centro da cidade. A grande disponibilidade de terras favoreceu à ocupação e ao parcelamentos informais e a posterior urbanização de parte das áreas ocupadas deixa ainda muitas lacunas de infraestrutura e saneamento básico. A não regularidade do parcelamento e as lacunas de infraestrutura foram motivadores de sua classificação como ZEIS no PDDU 2016.

O padrão do parcelamento na Planta de 1955 mostra lotes e construções de dimensões mínimas, em que pese haver ruas definidas e regulares. A ocupação, segundo a rara iconografia e depoimentos de antigos moradores, era de casas de taipa, térreas e de poucos cômodos, algumas ainda encontráveis no bairro.



Casas remanescentes em lotes de frentes de cerca de 6m. Na vizinhança imediata, observa-se a junção de lotes e a verticalização. Google Maps 2019



http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=7&cod_polo=105

Depoimentos de antigos moradores creditam a intensificação do povoamento da Liberdade ao início do século XX, como é o caso de Hilda dos Santos (Mãe Hilda, da Comunidade do Ilê Ayiê, do Curuzu), registrado em

http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=7&cod_polo=105

Cheguei na Liberdade com meus pais em 1930. Tinha sete anos. Isso aqui tinha todas as aparências de quilombo, desses que você só ouviu falar.(...) Todos os moradores eram negros. Algum escravo liberto, tinha muitos que eram africanos mesmo, mas a maioria era filhos deles, os filhos da escravidão.

Depoimento do historiador Cid Teixeira publicado na tese de doutoramento Lazer da juventude como prática de “liberdade” no Bairro da Liberdade, 2012, de Disalda Mara Teixeira Leite, corrobora com a afirmação da ocupação recente:

Recentíssimo. Eu que estou falando aqui, sou do tempo em que a Liberdade eram quatro ou cinco roças, roças com bois e vacas e essas coisas. Essa concentração de pobreza e negritude na liberdade é coisa de quarenta ou cinquenta anos para cá, não é muito antiga, não. Outros bairros se embranqueceram, por exemplo, um bairro onde só tinha negro mesmo, que era o Caxundé; hoje ninguém mais sabe nem onde é o Caxundé quanto mais falar em negro lá dentro. Corresponde hoje ao Jardim de Alá, ali, na Pituba. O trator chegou, urbanizou tudo, fez casinhas bonitinhas e acabou com a negritude de lá. A Liberdade não tem essa história negra, não; eram roças. Seu Chico Mãozinha era dono de tudo o que é hoje, Corta braço, Pero Vaz era a roça dele e eu conheci, eu estive lá, na roça dele, eu que estou aqui; portanto, não é coisa do século XVII, não. Eu vi, andei lá, como andei na Pituba com medo das vacas, com medo dos bois correndo atrás da gente.

A implantação do bairro paralelamente à falésia favorece a um cenário panorâmico do Porto de Salvador, do Ferry Boat, do Forte São Marcelo, da Feira de São Joaquim, até Monte Serrat e a Igreja do Bonfim.

A região identificada como Liberdade vai Largo da Soledade até a Ladeira de São Cristóvão, limite com o Largo do Tanque. Inclui localidades como a Lapinha, o Queimado, o Sieiro, (antigo Mirante), o Plano Inclinado (antiga Baixa do Mirante), a Favela, o Japão (antiga Roça do Candomblé), a Central (ou Dois de Julho), o Rio Prado, o São Lourenço, o São Domingos, o São José, o Estica, o Gengibirra de Cima, o Guarani (antiga Vila Conceição), a Rua Pero Vaz (antigo Corta Braço), a Avenida Peixe, a Padre Antônio,

a Boa Fé, o Curuzu, a Baixa dos Frades, a Progresso, a Alegria. Como mencionado, a Sub Area 19 limita-se a pequeno trecho do bairro, voltado para a Estrada da Liberdade.

O bairro é denso, populoso e dinâmico. A imagem urbana é de uma cidade contemporânea, onde predomina arquitetura de não arquitetos, com pouquíssimas elementos físicos que estabeleçam referência com o passado, ainda que recente, do bairro.

A riqueza cultural e as práticas comunitárias estão, no entanto, representadas por lugares, espaços públicos e edifícios que respondem por referências identitárias e laços sociais do bairro. É o caso das igrejas católicas, dos terreiros de candomblé, escolas públicas, centro social urbano, das feiras e praças. Parte dos equipamentos mencionados extrapolam a Sub área 19, mas ainda assim cabe serem citados pela sua influência.

Em 1941, a Paróquia de Santo Antônio Além do Carmo foi desmembrada para a criação da primeira paróquia da Liberdade, dando origem à única **Igreja** que tem como padroeiros **São Cosme e São Damião** e que, no dia comemorativo dos santos gêmeos, recebe toda a cidade.

A **Igreja de Santa Bárbara**, na rua Lima e Silva, foi a primeira Igreja Brasileira da Liberdade. Em 1989, a igreja desvinculou-se da Igreja Brasileira e se ordenou como Igreja Católica Apostólica Ortodoxa do Brasil. Com o falecimento de D Miguel, em 1998, assume a administração sua esposa Janete, após ser ordenada presbítera, 1990, como a primeira mulher a celebrar uma missa.

A **Igreja de São Lázaro**, à Rua Lima e Silva, realiza missas toda segunda-feira, às 8 horas, com intensa participação popular.



Igreja de Santa Bárbara



Igreja de São Cosme e Damião

A região, especialmente o Curuzu, concentra grande número de **terreiros de candomblé**, motivando inclusive a criação de uma Associação de Terceiros da Liberdade e Adjacências, à R. do Curuzu, 9. O terreiro Hunkpame Savalu Vodun Zo Kwe, no Curuzu, foi o primeiro a ser tombado com base na Lei de Preservação do Patrimônio Cultural do Município de Salvador. Além de seu valor cultural, é instrumento de proteção de extensa área verde. Outros na região são o Ilê Axé Jitolú (Ilê Aiyê), Rua do Curuzu, 231, e o Maroialage – Alaketu, Rua Luiz Anselmo, 13, no Matatu.

O **Plano Inclinado** ligando a Liberdade ao bairro da Calçada foi inaugurado em 1981. Aproximadamente, 12 mil pessoas usam o sistema de segunda a sexta-feira, sendo 6,5 mil somente aos sábados e mais 2,5 mil aos domingos. Antes da existência do plano, havia, no local, uma ladeira chamada “Ladeira do Inferno”. É uma centralidade importante da área.



Acesso a Plano Inclinado



O **Centro Social Urbano – CSU Liberdade**, Estrada da Liberdade, 100, é um centro do governo estadual voltado para o desenvolvimento, inclusão social e redução da violência. Promove atividades esportivas e de formação, além de favorecer o acesso serviços socioassistenciais, como o Conselho Tutelar, CRAS, Unidades de Saúde e de Educação Infantil.



A **Feira do Japão** localizada em umas das transversais da Avenida Lima e Silva, existe há mais de cinquenta anos, em área antes conhecida como Largo do Japão, pela presença de japoneses comerciantes informais. Vende frutas, verduras, frutos do mar, carnes, temperos, comidas e artigos do Candomblé.

A **Escola Estadual Duque de Caxias**, fundada em 1938, embora situada além da Sub Área, é referência educacional, de lazer e convivência para um vasto território na Liberdade



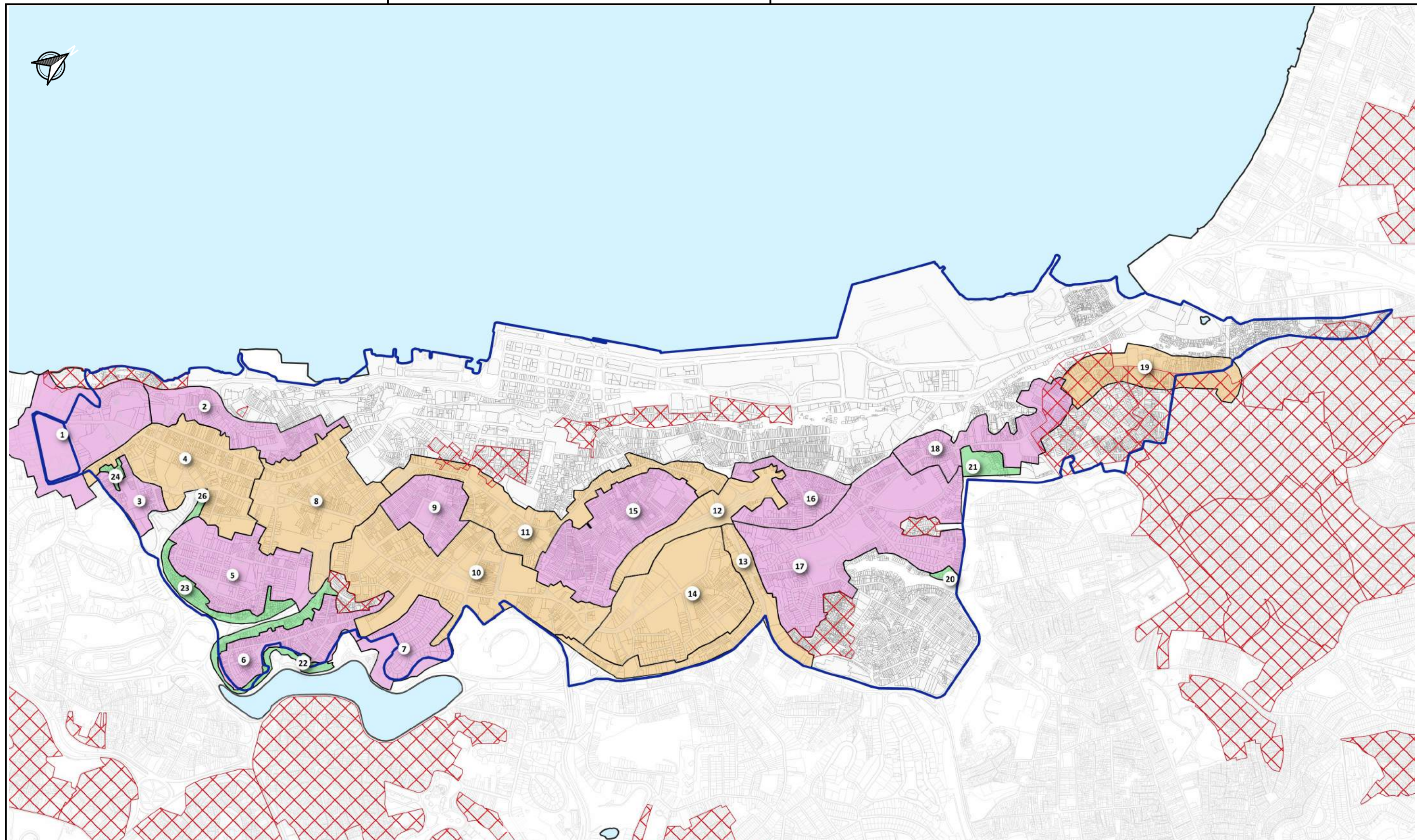
A Liberdade é lugar de forte tradição do **carnaval**, que começou com batucadas e afoxés, que tiveram, por sua vez, origem nos terreiros de candomblé. Os afoxés costumavam sair do Largo do Japão. As batucadas eram formadas por homens tocando instrumentos de percussão e cantando versos improvisados (trovação). O Gato Vencedor e Fortaleza do Amor são nomes lembrados pelos moradores. A Viuvinha foi um dos primeiros blocos de carnaval da Liberdade, formado apenas por homens de saia preta, blusa justa e cabeleira postiça.

Das escolas de samba, os Filhos da Liberdade (1958), de Mestre Dilú e Olvaldo Jibóia, o Bafo de Onça (1964), de Mário Tchê, Tchê, Tchê, e Ritmo da Liberdade (1967-1980), de Mestre Vavá, eram as mais fortes concorrentes da Liberdade, disputando com escolas de outros bairros.

No Curuzu (situado além da Sub Area 19) está o Ilê Aiyê, primeiro bloco afro do Brasil, fundado em 1974, considerado um dos grandes responsáveis pela africanização do carnaval baiano. O Bloco tem trabalho político-educacional importante na região.

O Blocão da Liberdade, o Muzenza, nasceu em 1981 na Ladeira de São Cristóvão, como tributo a Bob Marley (1945-1981). Ficou conhecido como o "bloco do reggae" ou Muzenza do Reggae. O bloco se consolidou-se como um dos que desenvolvem o maior número de variações rítmicas no Carnaval de Salvador e hoje tem sede no Pelourinho.

O bairro tem seus próprios **veículos de comunicação**, como o Jornal Boca da Liberdade, a Rádio Liberdade FM 100,5 e a Rádio Serviço de Som da Liberdade



id nome		id nome	
1	Campo Grande	14	Nazaré
2	Aflitos - 2 de Julho	15	Saúde
3	Politeama	16	Santo Antônio
4	Mercês - Rosário	17	Barbalho
5	Barris	18	Soledade
6	Tororó	19	Liberdade
7	Jardim Baiano	20	Vale 1
8	Lapa - Piedade	21	Vale 2
9	Palma - Mouraria	22	Vale 3
10	Campo da Polvora	23	Vale 4
11	Baixa dos Sapateiros - Barroquinha	24	Vale 5
12	Castelo Branco - Aquidabã	26	Vale 6
13	Sete Portas		
Centralidades - Eixos Principais		Unidade de Vizinhança	
		Vale - Potencial p/ Renovação	

Zona Especial de Interesse Social

Área de Proteção Cultural e Paisagística

0 200 400 600 m

Projeção Universal Transversa de Mercator
Datum: SIRGAS 2000 zona 24 S

Fonte: Sistema Cartográfico e Cadastral do
Município de Salvador - SICAD 2006

PROJETO 914BRZ4021 Projeto de Cooperação Técnica Internacional Instrumentos e estratégias para o desenvolvimento sustentável do Centro Antigo de Salvador			
NORMATIZAÇÃO DE INTERVENÇÕES NO PATRIMÔNIO CONSTRUÍDO DE ÁREAS INTEGRANTES DA APCP DO CENTRO ANTIGO DE SALVADOR FASE I - DIAGNÓSTICO			
Sub Áreas			Número XX
			Escala 1:15.000
Coordenação do Projeto Beatriz Lima - Arquiteta	Coordenação Técnica Jurema Machado - Arquiteta	Responsável Técnico - Mapeamento Taís de Sousa Pereira - Urbanista Caio Costa Couto - Urbanista	Data Agosto/2019



